CORRÊA

REVOLUCÃO NO
BRAZIL

José Augusto Corrêa

# A Revolução no Brazil

E O

# OPUSCULO

DO

Visconde de S. Boaventura

LISBOA
Typ. da Companhia Nacional Editora
LARGO DO CONDE BARÃO, 50

1894

José Augusto Corrêa

# A Revolução no Brazil

E O

# OPUSCULO

DO

## Visconde de S. Boaventura

LISBOA
Typ. da Companhia Nacional Editora
LARGO DO CONDE BARÃO, 50
1894

Aos meus amigos

Antonio José de Souza Lima Junior
Dr Gaspar Fernando de Macedo
Rodrigo Alberto de Brito Amorim
Dr. Heitor Corrêa da Silva Sampaio

Tributo de gratidão.

# INTRODUCÇÃO

Li e meditei no opusculo do sr. visconde de S. Boaventura, intitulado *A Revolução no Brazil.*

E d'essa leitura e meditação resultou para mim a convicção de um dever a cumprir como cidadão brazileiro e como democrata — refutar as conclusões d'esse trabalho que eu faço a justiça ao auctor de considerar uma fiel traducção das suas convicções pessoaes mas que tambem não deixa de ser uma injusta e infundada aggressão á joven Republica Brazileira e que confirma evidentemente, já não direi a antipathia, mas sim o odio de alguns membros da colonia portugueza no Brazil, e especialmente dos membros mais abastados d'essa colonia, ás instituições democraticas d'aquelle paiz.

O sr. visconde de S. Boaventura, ou an-

tes, o sr. Boaventura Gaspar da Silva, foi durante muitos annos, de sociedade com o sr. Léo d'Affonseca, proprietario e director do *Correio Mercantil*, importante orgão da imprensa paulistana. Acompanhou, portanto, a par e passo, o movimento politico, social e administrativo do grande paiz sul-americano, por todo um periodo não inferior a vinte e cinco annos. E' innegavel que, conhecendo s. ex.ª os homens e as coisas do Brazil, as suas palavras e os seus escriptos devem ter certa auctoridade e influencia no animo dos seus leitores, auctoridade que eu reconheço e influencia que procurarei combater restabelecendo a verdade de factos que, infelizmente, s. ex.ª deturpa a bem do seu ideal, interesses e convicções, e refutando as conclusões erroneas e anti-patrioticas do auctor.

Em alguns pontos estou plenamente de accordo com o sr. visconde, especialmente quando se refere á personalidade do fallecido imperador e á perniciosa influencia das

doutrinas americanistas na actual sociedade brazileira.

Para maior facilidade na refutação e melhor comprehensão dos leitores, vou fazer dois pedidos ao sr. de S. Boaventura.

S. ex.ª, cavalheiro como é, não deve levar a mal que eu saia a campo em defesa do ideal que o distincto escriptor tão aggressiva e injustamente combate. O sr. visconde não conhece o obscuro auctor d'estas linhas; como s. ex.ª eu tenho a minha fortuna no Brazil, sujeita ao cambio de 9 $^{1}/_{2}$, sem probabilidade de breve e favoravel mudança; como s. ex.ª eu sou um grande, um extraordinario amigo do Brazil, pela simples razão de que sou brazileiro e brazileiro nato, das margens do Amazonas; como s. ex.ª eu desejo ardentemente que finalise a tremenda lucta de irmãos que detem o movimento ascencional da primeira potencia da America do Sul. Sómente, e ahi está no que nós divergimos, o sr. visconde entende que, para a felicidade do Brazil, essa lucta deve

terminar com a victoria da monarchia, unica, na opinião de s. ex.[a], que restituirá ao Brazil a paz, a tranquillidade e a ordem; e eu affirmo e demonstrarei que só o triumpho da Republica poderá conduzir a minha patria a esse brilhante resultado, e, ainda mais, que a victoria da monarchia teria, como consequencia immediata, a separação dos estados da União Brazileira, começando pelo do Pará, a grande região da Amazonia, um dos mais ricos e mais prosperos estados do Brazil.

Estamos ambos perfeitamente no nosso direito pensando como pensamos. Comtudo eu peço ao meu illustre antagonista que appellemos para o publico. Elle será o nosso apreciador e o nosso juiz. E para que elle melhor comprehenda e melhor julgue as nossas exposições e os nossos argumentos, eu resolvi, e peço a acquiescencia do sr. visconde, antepôr aos capitulos do meu opusculo, os capitulos do opusculo do sr. visconde, que eu pretendo refutar.

Para concluir e para completo esclarecimento do publico:

O sr. de S. Boaventura é proprietario do *Correio da Manhã* e o *Correio da Manhã* é o orgão *officioso* do sr. Custodio José de Mello, o *grande homem* e *grande patriota*, como se verá mais adeante.

# O ALMIRANTE WANDENKOLK

Segundo um telegramma de origem particular, o almirante reformado Wandenkolk, preso em Santa Catharina e transportado, a bordo da canhoneira *Republica*, para o Rio de Janeiro, já deu entrada na fortaleza de Santa Cruz.

Gom a noticia da sua prisão, espalhouse na Capital Federal que seria condemnado á morte, como traidor á republica, para cujo estabelecimento aliás concorreu poderosamente.

Não nos parece natural que o marechal Floriano leve a tal extremidade o rigor com que é natural que proceda para salvar o proprio prestigio e o do seu governo.

Wandenkolk, se tentou agora depol-o, foi um dos que o collocaram na alta situação em que se acha, por meio de um acto egualmente revolucionario.

Depois, a execução de uma sentença de morte, por crime politico, longe servir de exemplo, teria, fatalmente, as consequencias mais funestas, excitando paixões e odios, já muito accesos; provocando represalias; prolongando, aggravada, a situação actual do Brazil.

Mas que personagem irrequieto e indecifravel, este sr. almirante Wandenkolk!

Como cavalheiro, não o ha mais insinuante, nem mais sympathico.

Como marinheiro, sempre ouvimos elogiar a sua bravura e os seus conhecimentos technicos.

Como politico, porém, é que não o comprehendemos, nem podemos definir.

A 15 de outubro de 1889, isto é, um mez antes da republica, o sr. Wandenkolk assistia, no Casino Fluminense, ao grande baile dado em honra da princeza imperial, para solemnisar as *bodas de prata* da augusta senhora. N'essa esplendida festa, mostra-se d'uma cortezia palaciana para com a herdeira presumptiva do throno e conversa por largo tempo, em cordial intimidade, com o presidente do conselho, o venerando sr. vis-

conde de Ouro Preto, de quem, por toda a parte, se dizia amigo.

A 15 de novembro, isto é, um mez depois, o sr. Wandenkolk toma parte activa na sedição militar, que deita abaixo a monarchia e expulsa do Brazil a familia imperial e o primeiro ministro do imperador, o mesmo sr. visconde de Ouro Preto.

No governo provisorio é-lhe confiada a pasta da marinha.

Tudo fazia crer que entre o marechal Deodoro e o sr. Wandenkolk existissem — se não completo accôrdo de vistas sobre um ou outro assumpto — relações pessoaes inabalaveis, assentes em mutua estima e nas responsabilidades communs, quando se vê o sr. Wandenkolk entre os que apeiam do poder o sr. Deodoro e elevam o sr. Floriano!

Não decorre muito tempo e o sr. Wandenkolk conspira contra o sr. Floriano, pelo que é preso, reformado e remettido para um logar mortifero do Amazonas!

Do Rio ao Pará condul-o o mesmo paquete que transportou á Europa a familia imperial exilada...

Passam-se alguns mezes e o marechal Floriano concede amnistia ao sr. Wandelkolk e aos seus companheiros de conspiração.

O sr. Wandenkolk regressa ao Rio de Janeiro, entende-se com os federalistas do Rio Grande, e, um bello dia, parte para o sul, sob rigoroso incognito.

São deficientissimas as noticias da intervenção do sr. Wandenkolk no movimento revolucionario do Rio Grande. Nem mesmo se sabe se a sua aventura do vapor *Jupiter* estava convenientemente combinada com os chefes federalistas e obedecia a algum plano.

Dos laconicos telegrammas recebidos o que se infere é que o sr. Wandenkolk deu mais uma prova de que a bravura e a reflexão, a coragem e a prudencia nem sempre se encontram alliadas. . .

Mas qual o objectivo do sr. Wandenkolk em todas as sqas voltas e reviravoltas?

Que quer, que pretende, quem é o seu homem e qual é o seu ideal?

Para nós, é um mysterio. Para alguns, o ideal do sr. Wandenkolh é a presidencia da

republica e o seu homem é a sua propria pessoa.

Julho — 1893.

*Visconde de S. Boaventura.*

*

* *

## O ALMIRANTE WANDENKOLK

Este artigo do sr. visconde, que tem a data de julho de 1893, é rigorosamente exacto na apreciação da personalidade politica do almirante Wandenkolk. O articulista não crê que o marechal Floriano exija a vida do irrequieto e ambicioso almirante, em expiação do crime de rebellião á mão armada-visto que o preso contribuiu poderosamente para a ascenção ao poder do vice-presidente da Republica. Os factos vieram confirmar não só que o marechal não desejava a morte do seu illustre inimigo, mas tambem que elle tem feito tudo quanto lhe tem sido possivel fazer para suavisar as consequencias dos erros e das desventuras de Wandenkolk, exemplos:

A amnistia, pouco tempo depois do *passeio* ao Alto Amazonas.

Em segundo logar o procedimento do marechal em seguida ao aprisionamento do *Jupiter* e do seu commandante. O almirante foi recolhido á fortaleza de Santa Cruz, com toda a praça por menagem, e a sua familia, prevenida por ordem de Floriano, de que nada faltaria ao prisioneiro e de que poderia visital-o qnando lhe aprouvesse.

Quanto ao ideal do sr. Wandenkolk, para mim é perfeitamente identico ao ideal do sr. Custodio José de Mello.

O velho lobo do mar como o insinuante bahiano trabalham para a presidencia da Republica e o homem de um é egual ao homem do outro, isto é, o homem do primeiro é o sr. Wandenkolk, e o homem do segundo é o sr. Mello.

E senão vejamos.

A 15 de Novembro de 1889, o sr. Wandenkolk, contra-almirante, tomou parte na evolução que derrubou a monarchia e foi o ministro da marinha do governo provisorio. N'essa mesma data o sr. Custodio José de Mello, então capitão de mar e guerra,

commandava o cruzador *Almirante Barroso*, em viagem de instrucção por mares da Europa. Recebeu um telegramma do novo governo ordenando-lhe que desembarcasse o principe D. Augusto de Saxe, que servia sob as suas ordens, e que se apresentasse no Rio de Janeiro. O commandante obedeceu e contribuiu depois com o sr. Wandenkolk a apeiar do poder o marechal Deodoro e a elevar o sr. Floriano. N'esta occasião o sr. Mello assumiu a mesma pasta que havia occupado o almirante Wandenkolk na constituição do governo anterior. Mezes depois o sr. Mello assignou, com especial agrado, o decreto que desterrou para os confis do Amazonas o seu camarada e ex-companheiro Wandenkolk; em seguida rompe com Floriano, deixa a pasta da marinha e um bello dia faz com este o mesmo que tinha feito com Deodoro — embarca sorrateiramente no *Aquidaban* e revolta-se com parte da esquadra para derrubar o mesmo homem que elle ajudára a elevar!

Qual a differença entre Wandenkolk politico e Custodio José de Mello politico?

Simplesmente esta:

O almirante Wandenkolk teve a infelicidade de ser vencido e preso por occasião das suas duas ultimas revoltas e o sr. Custodio de Mello, vencedor da primeira vez, continúa na sua segunda tentativa de empolgar a suprema magistratura do seu paiz. A sua primeira victoria não foi definitiva nem lisongeira para a immensa ambição que o domina, porque existia um successor obrigado de Deodoro, e a eliminação do vice-presidente seria um escandalo inaudito, um crime abominavel, e o audacioso e terrivel guerrilheiro recuou a tempo. Agora o caso muda de figura. Trata-se de eleições... e quem vencer é quem governa e quem as faz! [1]

O sr. visconde de S. Boaventura sabe, na perfeição, estas coisas.

Não serei eu que caia na patetice de querer ensinar o *padre nosso* ao vigario.

Adeante.

[1] Ao entrar este livro no prélo soube-se que, a 1 de Março, realisaram-se as eleições presidenciaes no Brazil, sendo eleito por grande maioria o inclito cidadão dr. Prudente de Moraes. Cessou, portanto, o motivo apparente da revolta, mas não é de crêr que o sr. Mello deponha as armas porque entre elle e os *fornecedores* ha graves compromissos financeiros.

# O IMPERADOR VINGADO

Dizia-nos hontem um amigo, com quem conversavamos sobre os acontecimentos do Brazil:

— O velho imperador, se fosse vivo, e se não fosse, como era, um grande patriota, saborearia a esta hora o prazer dos deuses. Amando, porém, ardentemente o seu Brazil — e V. bem sabe como elle era brazileiro — longe de exultar, estaria triste e compungido diante do espectaculo da patria desorganisada, em convulsões continuas, sem prestigio e sem credito, banhada em sangue dos seus proprios filhos, confundida e nivelada com as mais irrequietas e mais insignificantes republicas sul-americanas.

Que, se não fôra o seu real e sincero patriotismo, elle teria rasões de sobra para exclamar, radioso: — Estou vingado!

Os homens que mais contribuiram para

a quéda da monarchia e para a expulsão dos dois bondosissimos e venerandos velhos, que se sentavam no throno, ou teem tido um fim desgraçado, ou teem soffrido os mais amargos desgostos e os mais duros revezes.

Veja V.: — Benjamin Constant, torturado por uma doença cruel, morre doido. Deodoro é martyrisado, ao mesmo tempo, pela enfermidade e pelas contrariedades moraes; elevado por uma sedição ao cargo de chefe do Estado, são os seus proprios camaradas que o derrubam, por meio de outra sedição; na sua longa e medonha agonia não quer ver fardas militares — tal é o horror que lhes tem! — e, generalissimo do exercito, pede e recommenda á familia que o seu cadaver seja vestido á paizana, declarando ser essa a sua derradeira e suprema vontade. Silva Jardim, o audaz agitador, exila-se, depois de soffrer dolorosas decepções, e, n'um passeio pela Italia, quando a contemplação das maravilhas da arte e da natureza lhe distrahe o espirito das miserias da politica, e lh'o absorve e encanta, morre desastrada e pavorosamente no Vesuvio; Wandenkolk é desterrado para um clima mortifero do

Amazonas e transportado, sob prisão, do Rio de Janeiro ao Pará, no mesmo vapor que o governo provisorio, de que foi um dos membros, destinou ao transporte da familia imperial para a Europa; Quintino Bocayuva vê a sua reputação atassalhada, o seu nome arrastado pelas ruas da amargura, a proposito do tratado das Missões...

O foliculario Aristides Lobo, um dos ministros do governo provisorio, foi ultimamente recolhido ao hospital de alienados. Está doido furioso.

Já não quero falar de outros, que todos elles teem tido, se não horas de profundo arrependimento, horas de magoa e desanimo. Por outro lado, o paiz, na tristissima situação em que se acha, deploravelmente governado, n'uma desorganisação calamitosa, tendo perdido a confiança de que até ha pouco tempo gosava no estrangeiro, luctando com as mais graves difficuldades e, ainda em cima, assolado pela guerra civil — guerra que ninguem sabe como nem quando acabará...

Não acha V. que D. Pedro II, que foi expulso do Brazil quando o cambio estava a 28,

quando o paiz, em plena tranquillidade, prosperava de um modo espantoso, teria rasão, se vivo fosse, para julgar-se vingado?

— Esse argumento do cambio não tem consistencia, observámos nós. O cambio estava a 28, em virtude, especialmente, de emprestimos contrahidos em Londres, e a republica ainda não contrahiu nenhum . . .

— Porque não lh'o fazem, replicou o nosso amigo. Não é a primeira vez que ouço essa allegação em favor do governo republicano. E' verdade que não tem augmentado a divida externa, mas isso não tem a importancia que se lhe quer dar.

Os paizes não são como os individuos, que quanto mais devem menos possuem. A França é a nação que actualmente tem maior divida e é, todavia, a mais rica.

— O meu amigo, é, como lá se diz, um *sebastianista,* e por isso acha sempre rasões para elogiar a monarchia e comprometter a republica.

— Está enganado. Não sou *sebastianista.* Sel-o-hia, se D. Pedro existisse. Morto o imperador, não sei se merecerá a pena restaurar o imperio. O que é preciso restaurar é

o bom senso, a ordem, a prudencia, o progresso, a tolerancia e a liberdade.

Vivi longos annos no Brazil, quero-lhe bem, desejo vêl-o prospero, tranquillo, respeitado, tendo emfim, na America do Sul, a hegemonia indiscutivel e indisputavel, que por todos os motivos lhe pertence.

Agosto — 93.

*Visconde de S. Boaventura.*

*

* *

## O IMPERADOR VINGADO

N'este capitulo, principia o sr. visconde a fazer de carpideira, a chorar a horrivel calamidade do cambio a 9 $^1/_2$, perdão, da guerra civil que o heroe de s. ex.ª provocou e sustenta com dinheiro fornecido pelos *amigos* do Brazil e com auxilio do sinistro cabo de guerra da monarchia, o austero sr. Saldanha da Gama. O imperador vingado! E porque? Porque Benjamin Constant morreu delirante de febre, porque Silva Jardim foi victima de um desastre, na Italia, como o

anno passado o ministro-presidente do Supremo Tribunal de Justiça foi victima de outro alli, na calçada da Estrella, sendo esmagado pelo elevador; porque Aristides Lobo entrou para uma casa de doidos, como o sr. visconde ou eu poderemos ámanhã entrar para outra, se tivermos a infelicidade de variar da bola; porque o sr. Quintino Bocayuva vê a sua reputação atassalhada, o seu nome arrastado pelas ruas da amargura...

E qual é o ministro de Estado que, hoje em dia, consegue escapar illeso, da critica mordaz e malevola que augmenta ao passo que diminue o senso commum e recresce a corrupção?

Deixando, por momentos, o telhado do vizinho do outro lado do Atlantico, eu convido o sr. visconde a olhar para os vidros do seu proprio telhado.

O que me diz do que lhe vae cá por casa, n'esta monarchia modelo? E o Mariano, o Emygdio Navarro, e tantos outros estadistas portuguezes?

Ah! sr. visconde, sr. visconde...

O imperador está tambem vingado por-

que Deodoro é matyrisado e são os seus proprios camaradas que o derrubam depois de o terem elevado.

Faça-me o sr. visconde o favor de dizer quem foi que matou moralmente o marechal Deodoro, qual o chefe da sedição que o derrubou? Não seria o heroe endeusado por s. ex.ª e pelos seus collegas, o muito alto e poderoso sr. Custodio José de Mello? Ah! sr. visconde, sr. visconde . . .

E é com estes e outros argumentos tão faceis de derrubar, como se fossem castellos de cartas, que o sr. visconde de S. Boaventura advoga a restauração da monarchia no Brazil, e condemna, em absoluto, as instituições republicanas d'aquelle paiz! Que idéa faz s. ex.ª do publico, dos seus leitores, e para quem escreve o sr. visconde?

Prosigamos.

Finalmente o imperador está vingado porque «o Brazil está n'uma situação tristissima, deploravelmente governado, n'uma desorganisação calamitosa, tendo perdido a confiança de que até ha pouco tempo gosava no estrangeiro, luctando com as mais graves difficuldades e, ainda em cima, assola-

do pela guerra civil, guerra que ninguem sabe quando nem como acabará».

Eis ahi uma série de *argumentos* que todos se destróem com uma simples pergunta: Quem é o auctor de todas essas calamidades? Quem, pela sua extraordinaria e criminosa ambição, provocou a tremenda crise que a patria brazileira atravessa?

Unica e exclusivamente o homem-deus dos restauradores ludibriados nas suas esperanças, elle e só elle o heroe do sr. visconde de S. Boaventura, o sr. Custodio José de Mello.

Négo que o Brazil não tenha credito no exterior.

O credito d'aquella nação é egual, senão superior, ao que gosava no tempo do imperio. Em que se baseia o illustre titular para avançar tal proposição? Quando foi que o Brazil republicano pediu dinheiro emprestado ao estrangeiro? E se o pediu, qual a praça que lh'o negou?

Francamente, perante uma tão *logica*, tão *verdadeira* e tão *cerrada* argumentação como a que o sr. visconde de S. Boaventura nos apresenta na sua collecção de arti-

gos, confesso que me enoja proseguir, mas, apesar d'isso, farei um esforço sobrehumano e continuarei a apontar as falsidades dos escriptos do sr. visconde, a denunciar o seu odio mal disfarçado com a capa de amigo do Brazil.

E' preciso, é indispensavel, por amor á verdade, á patria, á Republica e a bem das relações de amisade que existem e devem sempre existir entre portuguezes e brazileiros, que se desvaneçam do animo de muitos filhos d'este bello e hospitaleiro paiz as idéas erroneas e apaixonadas que lhes tem incutido muitos orgãos da monarchia, com o *Correio da Manhã* á frente. Eis porque eu, não obstante o nojo que me causa o estar constantemente a basculhar nas fézes que constituem o *elegante volume* do sr. visconde de S. Boaventura, continuarei desassombradamente na minha tarefa, para a qual sou irresistivelmente impellido pelo immenso amor á minha querida patria e á fórma de governo que ella enthusiasticamente adoptou e a unica que ha de, fatalmente, eleval-a, em rapido futuro, ao apogeu da grandeza e da gloria!

Quanto á ultima phrase do periodo acima transcripto — guerra que não se sabe como nem quando acabará — eu peço licença ao auctor para observar-lhe que s. ex.ª parece não ler o jornal de que é o proprietario. Na opinião d'aquelle orgão da imprensa monarchica portugueza e da restauração da monarchia no Brazil, a quéda da republica, no Brazil, é uma questão de dias. *Aquillo* está aqui está por terra e o sr. Mello não tardará a collocar o diadema na cabeça... de um dos membros da excelsa familia de Bragança.

O sr. visconde termina o artigo ou capitulo desejando que seja restaurada, no Brazil, a ordem, o bom senso, a prudencia, o progresso, a tolerancia e a liberdade.

Sim, senhor, plenamente de accordo.

Para se conseguir tudo isso basta que o sr. Custodio de Mello renuncíe ás suas pretenções de restaurador, como esperam os monarchistas, ou de candidato forçado á governança, segundo ninguem me tira cá do bestunto. Veja o sr. visconde como da vontade de um só homem depende a felicidade de um grande povo e de uma colossal nacionalidade!

## A DESORGANISAÇÃO SOCIAL

### A GUERRA DO SUL

### (OPINIÃO D'UM RECEM-CHDGADO)

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«— Então como vae aquillo por lá?

—De mal a peior.

—É uma pena... Um paiz tão vasto, tão rico, possuindo tantos elementos de prosperidade...

—Está em condições quasi identicas ás da Republica Argentina, do Uruguay, do Chili...

—Oh! isso tambem é exagero. V. é um pessimista.

—Não sou, creia. A situação da minha patria é tristissima. Custa-me confessal-o, mas custa-me muito mais reconhecel-o.

—Mas qual é essa situação?

—A d'um paiz completamente desorga-

nisado; desorganisado sob todos os pontos de vista . . .

Já no tempo da monarchia, um dos males da sociedade brazileira era a falta de hierarchias, a democratisação excessiva, a confusão das classes. Com a republica esse mal aggravou-se espantosamente.

Chegou-se á anarchia. É verdadeiramente anarchico o estado actual da sociedede brazileira.

Não ha respeito porque todos se consideram eguaes; não ha ordem porque ninguem quer obedecer, todos se julgam com o direito de mandar.

Cito alguns casos symptomaticos:

Vae v. fazer a barba: o official apertalhe a mão com a maior sem-ceremonia e procura travar conversa com v. sobre o *sebastianismo*, sobre as causas da baixa do cambio ou sobre as diversas candidaturas á presidencia da republica.

Ai de v., se emmudece e franze o sobr'olho, em signal de surpreza e de desagrado!

Corre o risco de ouvir meia duzia de facecias de mau gosto e de ficar n'uma situa-

ção ridicula: a cara ensaboada e a barba feita apenas d'um lado . . .

Para a gente se servir d'um trem de praça, é preciso dirigir-se ao cocheiro em termos muito dôces, pedir-lhe com humildade, porque, de contrario, ouve alguma insolencia e tem de ir a pé.

*Tão bom como tão bom* — é a phrase que trazem, de continuo, na bocca os individuos de baixa condição.

Aqui tem v. os resultados d'uma republica, precoce e desastradamente feita.

A quantas pessoas ouvi eu dizer agora no Rio de Janeiro: — Isto tornou-se inhabitavel!

E tornou, realmente.

Mas, além d'esses resultados tristissimos, isto é, além da completa desorganisação da sociedade, temos a crise economica e a crise financeira, temos o descredito na Europa, temos as ambições desencadeadas e as paixáes accêsas, e temos a guerra do sul.

— A proposito da guerra: — Qual é a sua opinião? O marechal Floriano, pois que é elle quem sustentava a lucta, vencerá ou será vencido?

— Não se póde prevêr com segurança o resultado do conflicto. O que é para desejar é que triumphem os federalistas e a maioria dos brazileiros não deseja outra coisa.

Está na consciencia de todos ou de quasi todos que só ha estas soluções para a crise em que está o Brazil: ou a restauração da monarchia ou uma republica parlamentar, accentuadamente conservadora, com a adhesão e a cooperação dos estadistas do imperio, que são ainda os unicos homens de governo que o Brazil possue.

— Mas Ouro Preto, João Alfredo, Lafayette, Candido de Oliveira, Antonio Prado, Ferreira Vianna, Joaquim Nabuco, Rodolpho Dantas, Affonso Celso, o visconde de Taunay, Duarte de Azevedo e os outros servidores da monarchia sahirão do seu retrahimento e prestar-se-hão a governar, sob outro regimen?

— Prestam. Antes de tudo e acima de tudo, esses homens são patriotas e, desde que se appelle para o seu patriotismo, póde contar-se com elles. Depois, n'esse appêlo,

irá uma satisfação plena, que dissipará os resentimentos, que por ventura tenham.»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Agosto — 1893.

*Visconde de S. Boaventura.*

*

* *

## A DESORGANISAÇÃO SOCIAL

Eis um dialogo entre o sr. visconde de S. Boaventura e o sr. Boaventura Gaspar da Silva.

Aquillo por lá está completamente desorganisado, *reina* a anarchia e isto, na opinião do interlocutor do sr. visconde, porque o barbeiro aperta-nos a mão sem cerimonia e fala-nos em politica, e porque o cocheiro malcreado prega-nos uma descompostura se o tratamos como a um cão. Cá temos mais dos taes argumentos d'escacha-pecegueiro. S. ex.ª talvez nos quizesse dizer o seguinte:

O paria, o miseravel que era amarrado

ao tronco nas sombrias casernas das fazendas e vergalhado até que o sangue espargisse a terra da *unica republica que existia na America até 15 de Novembro*, — com a sublime lei de 13 de Maio, que se deve á ingente, memoravel e brilhante campanha sustentada e vencida pela democracia brazileira e não á sr.ª D. Izabel nem ao sr. João Alfredo — tornou-se egual, na escala social, ao seu verdugo, egualdade confirmada e consolidada pela evolução de 15 de Novembro de 1889. Ora, ssse negro, esse mestiço e até esse branco que supportou a escravidão por mais de meio seculo e que é hoje tão cidadão brazileiro como o sr Custodio José de Mello, não está mais disposto a soffrer o azorrague do carrasco. Se algumas vezes exorbita tem desculpa na profunda ignorancia em que o manteve o seu antigo senhor e tem a penalidade da lei para punil-o nos casos extremos. O brazileiro de hoje comprehende, mais ou menos, a sua missão social, os seus deveres civicos e protesta e agita-se quando tentam espezinhal-o os que administram o seu paiz, ou os simples particulares que se julgam superiores aos ou-

tros porque comem em pratos de porcellana.

Este procedimeato é preferivel ao de alguns povos da velha e culta Europa, que, na actualidade, se deixam governar por ambiciosos e doidos que rasgam as leis e impudentemente ostentam os seus actos de força e de. . . juizo.

Não seria isto o que queria dizer o nobre escriptor?

A proposito.

«Se tens telhas de vidro não atires pedras ao telhado do vizinho.»

«Deixa o argueiro no olho do outro e tira a tranca do teu.»

Isto é muito velho mas assombrosamente verdadeiro.

Vem depois o melhor pedacinho do capitulo e que é o seguinte: «O que é para desejar é que triumphem os federalistas e a maioria (!) dos brazileiros não deseja outra coisa» e mais abaixo «está na consciencia de todos (!!) que só ha estas soluções para a crise em que está o Brazil, ou a restauração da monarchia (!!!) ou uma republica parlamentar» etc.

De maneira que os federalistas são os que combatem a federação para substituirem-na pela republica parlamentar.

Outra coisa não era de esperar da *coherencia* politica do sr. Silveira Martins. É um esclarecimento valioso que o auctor presta ao publico em geral e a mim em particular, porque eu e muita gente suppunhamos que o sr. Silveira Martins é um enviado dos altos poderes desterrados e que taes federalistas querem justamente o que deseja o sr. Saldanha da Gama.

Quanto ao descredito na Europa, phrase repisada e argumento que já destrui no capitulo anterior, direi mais algumas palavras para esmagal-o de vez. Que me conste, até hoje, o governo republicano do Brazil ainda não pediu dinheiro emprestado ao estrangeiro, ao contrario dos governos do imperio que pediam todos os annos dezenas de milhares de contos. Ainda nos ultimos momentos da monarchia se o cambio estava ao par foi porque o sr. Affonso Celso contrahiu um grande emprestimo nas praças de Paris e Londres.

O governo republicano não pediu, não

pede, nem pedirá, talvez, dinheiro emprestado, apesar das enormes despesas para debellar a revolta do sr. Mello, pela simples razão de que não precisa porque os rendimentos das alfandegas e outros augmentaram espantosamente, em todo o paiz, em consequencia do desenvolvimento da actividade nacional, estacionaria com a monarchia, do grande movimento de emigração e, portanto, do accrescimo de producção e consumo, e tambem por causa da completa descentralisação administrativa, causa moral mas importantissima, visto que os estados, inteiramente desafogados, trataram com mais afan do seu desenvolvimento e prosperidade. Se, pois, o Brazil não precisa nem tentou contrahir emprestimos, de onde o seu descredito na Europa?

Supponho que será desnecessario voltar a este exgottado assumpto.

Sobre a solução da crise actual pelo restabelecimento da monarchia, de que nos fala o sr. visconde, e objectivo para cuja propaganda elle publicou o folheto, passamos ao capitulo seguinte.

# A MONARCHIA NO BRAZIL

## I

Os jornaes republicanos, especialmente o *Seculo* e a *Voz Publica*, teem dito umas coisas muito engraçadas a proposito das naturaes sympathias que a imprensa monarchica do paiz manifesta pela restauração da monarchia no Brazil.

No entender das alludidas gazetas, os jornalistas monarchicos deviam, tratando do Brazil, abafar as suas convicções, occultar os seus sentimentos, abandonar os seus principios e applaudir, applaudir sempre e sem restricção, applaudir com enthusiasmo, embora ficticio, a desgraçadissima republica, que, em menos de quatro annos, reduziu ao triste e vergonhoso estado, em que o vemos, o mais vasto, o mais rico, o mais prospero e o mais acreditado dos paizes sul-americanos!

E deviam proceder assim os escriptores

monarchicos portuguezes porque a republica brazileira é muito capaz de levantar uma barreira aos nossos productos, de retirar a Portugal o mercado do Brazil!

Mais ainda: os republicanos brazileiros, contrariados e offendidos pela attitude — aliás perfeitamente legitima e impeccavelmente correcta — da imprensa monarchica portugueza,[1] são capazes de romper em fera hostilidade contra a honrada e laboriosa colonia portugueza, de exercer crua vingança nas pessoas dos nossos compatriotas residentes no Brazil!!

Lá do que é capaz o despotico e sanguisedento Floriano e do que é capaz a jacobinagem brazileira estamos nós fartos de saber.

N'esse ponto confessamo-nos de pleno accôrdo com o *Seculo* e com os outros jor-

[1] É para notar que no Brazil se irritem facilmente os animos com qualquer commentario inoffensivo da imprensa portugueza a occorrencias d'aquelle paiz, ao passo que são lidas com apparente indifferença e não chegam a provocar protestos as durezas e, por vezes, as insolencias que os jornaes francezes e inglezer dirigem aos brazileiros.

Pois o Brazil não tem razão para ser mais tolerante com a França e com a Inglaterra que com Portugal.

naes republicanos: Floriano e a sua gente são capazes de tudo. Que o diga o altivo estado do Rio Grande do Sul...[1] Que o diga o Brazil inteiro, confrontando a sua situação actual, as pavorosas circumstancias do presente, com a paz, a ordem, a liberdade, o credito e o florescimento de ha meia duzia de annos...

Mas, por ser capaz de todas as iniquidades, de todas as inepcias e de todas as violencias a gente que hoje — por mal d'elle — governa no Brazil, não se segue que nós devamos dar palmas a essa gente, que arruinou e desprestigiou o seu paiz, que tem calcado aos pés o proprio ideal republicano,

[1] Opinião de um distincto brazileiro, de idéas republicanas, a respeito da interferencia de Floriano Peixoto no conflicto do Rio Grande do Sul:

«Le vice-président a porté un coup plus nuisible encore à l'indépendance des États, en embrassant le parti des politiques de Julio de Castilhos, qui, après un échec humiliant, est venu, repetant, offrir son appui au chef de l'Etat. Et si celui-ci, dont l'état maladif était bien connu dés avant son avènement, avait reconnu que son patriotisme l'avait mal inspirá et présenté une démission honorable, il aurait, par cet acte de dévouement a la Patrie, procuré la paix de l'état do Rio Grande, au lieu d'y déchainer la guerre.—*Influense de l'esclavage et de la liberté*, par le Dr. Domingos Jaguaribe. Bruxelles, 1893.

que está affrontando cynicamente a civilisação.

Floriano ha de cahir fatalmente, ha de cahir como cahem todos os despotas; o seu dominio não pode prolongar-se por muito tempo.

Foi a traição — traição negra — que o elevou ás culminancias do poder: a sua propria consciencia ha de atormental-o e é bem provavel que elle já tenha visto em sonhos um braço *amigo* a vibrar-lhe o golpe que o subjugue e prostre. . .

Não ha, pois, a temer as represalias com que a imprensa republicana procura ridiculamente amordaçar-nos.

Além de monstruosamente iniquas, taes represalias seriam ephemeras.

É natural e nada tem de estranhavel que os monarchistas portuguezes desejem a restauração da monarchia no Brazil, assim como os republicanos brazileiros desejam, naturalmente a implantação da republica em Portugal.

N'isso não ha nada de offensivo para a nação irmã.

Pelo contrario, nós, fazendo votos pelo

restabelecimento d'uma fórma de governo que reputamos a melhor e que deu ao Brazil um longo periodo de tranquillidade e constante progresso, demonstramos a profunda magoa que nos causa o espectaculo desolador que o Brazil está offerecendo e conseguintemente o amor que consagramos a esse formoso paiz, onde vemos garantida a perpetuidade da nossa lingua e das nossas tradicções.

Os jornaes republicanos é que, occultando ou applaudindo os excessos e os despropositos dos detestaveis governos que se teem succedido no Brazil, depois da mudança das instituições, provam que lhe é indifferente a sorte do povo brazileiro, que a sua questão é apenas de rotulo, que a tyrannia, para elles, só é tyrannia, quando exercida por alguem que empunhe um sceptro e cinja uma corôa.

Os amigos do Brazil somos nós.

Novembro — 93.

*Visconde de S. Boaventura.*

*
* *

## A MONARCHIA NO BRAZIL

I

Cá estamos chegados ao ámago da questão.

No artigo precedente e no que se lhe segue com o mesmo titulo é que o auctor do folheto tira a mascara das conveniencias e aborda francamente o *desideratum* da sua propaganda, revelando toda a extensão dos seus intuitos. Em primeiro logar s. ex.ª passa um sabonete no *Seculo* e n'*A Voz Publica*, porque estes jornaes republicanos censuraram o *Correio da Manhã* e quejandos pela aggressão accintosa que essas folhas teem mantido contra o governo de uma nação amiga e irmã no sangue, na lingua e nos interesses, da gloriosa nação portugueza, e esse sabonete estende-se tambem á imprensa brazileira porque se queixa justamente d'essa attitude aggressiva e inconvenientissima, importando-se menos com as censuras da imprensa de outros paizes.

Toda a imprensa do Brazil tem protestado e reproduzido os artigos insultuosos, para a patria, de todos os jornaes estrangeiros, mas esse protesto energico, eloquente e patriotico accentua-se mais fortemente contra a imprensa portugueza porque nenhum outro paiz deveria abster-se, com tanta razão como Portugal, de ingerir-se na politica interna do Brazil e porque os ataques e as offensas diariamente dirigidas ao Brazil por alguns orgãos da monarchia portugueza doem muito mais ao patriotismo e á dignidade dos brazileiros do que todos os insultos que toda a imprensa de todos os paizes do mundo lhe possa dirigir, pela mesma razão que a ingratidão de um amigo intimo ou de um parente doe muitissimo mais a qualquer de nós do que as offensas de mil estranhos.

A imprensa de qualquer paiz está no seu direito em apreciar a politica de outra nação, mas o que absolutamente ella não deve é tomar o partido de uma facção d'esse paiz em lucta com outra; a isso oppoem-se o simples bom senso, a nitida comprehensão do direito das gentes, e especialmente quan-

do esses dois paizes se chamam Portugal e Brazil.

A attitude do *Correio da Manhã* e dos seus collegas de propaganda contra a Republica Brazileira é, além de tudo anti-patriotica porque fere e prejudica os interesses de Portugal, intima, indissoluvelmente ligados aos do Brazil.

Quanto á malevola insinuação das represalias que os brazileiros possam exercer na colonia portugueza do Brazil, o sr. vinconde não só é ingrato mas falta á verdade e com certeza ás suas proprias convicções. O sr. de S. Boaventura foi hospede do Brazil durante muitos annos, foi lá que s. ex.ª ganhou a sua fortuna e habilitou-se a adquirir um titulo nobiliarchico. Desafio s. ex.ª a que conteste a affirmação que aqui deixo exarada de que o povo brazileiro é o povo mais hospitaleiro do mundo.

E essa hospitalidade manifesta-se, muito particularmente, com os filhos d'este bello paiz.

Quem ousará negal-o? O que seria do sr. visconde, o que seria de mim, a quem meu pae, um portuguez honrado e traba-

lhador legou a sua fortuna, se aquelle immenso, uberrimo, formoso e hospitaleiro paiz não lhes abrisse os braços em fraternal amplexo e não lhes patenteasse os seus extraordinarios recursos?

Não acredito que haja um unico cidadão portuguez que, n'este ponto, apoie o folheto do sr. visconde, a não ser que esse cidadão esteja dominado pela paixão politica. Fique s. ex.ª descansado que os portuguezes residentes no Brazil jámais pagarão as insolencias que o jornal do sr. visconde e outros quotidianamente assacam ao Brazil. Aquelle povo é demasiadamente nobre e ajuizado para descer a faltar ao sagrado dever da hospitalidade.

O governo republicano do Brazil é que estaria perfeitamente no seu direito e seria *impeccavelmente correcto* se, como justa represalia ao procedimento dos orgãos officiosos da monarchia portugueza, tomasse qualquer providencia contra os interesses commerciaes de Portugal. Sempre seria uma attitude mais justificada do que a da imprensa realista d'este paiz.

O auctor, no emtanto, assegura que tal

não succederá porque «Floriano, o tyranno sanguisidento ha de cahir.»

O marechal Peixoto está a terminar, por dias, o prazo constitucioeal da sua alta administração e só espera vencer a revolta armada que perturba o paiz para que se possam realisar as eleições, em todo o territorio brazileiro. O marechal, pela constituição da Republica, não póde ser reeleito para o alto cargo que occupa, nem acredito que s. ex.ª o acceitasse, caso fosse possivel a sua reeleição. Quanto a mim o marechal está morto por entregar o poder ao seu successor legitimo.

Note-se que eu não defendo a pessoa nem a administração do sr. Floriano Peixoto. Os verdadeiros, os sinceros republicanos não fazem questão de pessoas mas de principios.

Desejaria até, e espero ver dentro em breve, a suprema magistratura da minha patria exercida por um individuo civil. Na minha humilde opinião o militarismo é a principal causa das perturbações que tem soffrido o Brazil republicano. Se não fosse o militarismo, se não existisse a rivalidade

pessoal e de classe entre os srs. Mello e Floriano, aggravada pela desmedida ambição do primeiro, com certeza não teriamos a lamentar a actual guerra civil.

Mas porque eu não defendo o sr. Floriano desejaria, comtudo, que o sr. visconde do santo do seu nome me explicasse em que consiste a tyrannia sanguisidenta do vice-presidente da Republica. S. ex.ª limita-se a fazer affirmações sem apresentar provas.

O que tem feito o marechal?

Resistir, por todos os meios ao seu alcance, a uma rebellião que pretende arrancal-o de um cargo para o qual foi legitima, constitucionalmente eleito.

O sr. Carnot não faria o mesmo, se houvesse uma revolta contra o seu governo? O rei de Portugal não defenderia as instituições monarchicas quando atacadas á mão armada? É verdade que suscitaram-se duvidas, por occasião da sahida de Deodoro, se se deveria proceder a novas eleições, mas a este respeito a lei fundamental da nação é bem clara e o congresso, muito antes da revolta e com applauso do sr. Custodio José

de Mello, decidiu favoravelmente ao vice-presidente.

Tyranno porque?

Por desterrar os treze generaes do célebre manifesto e o sr. Wandenkolk? Porque, estando declarado o estado de sitio e proclamada a lei marcial — o que a constituição permitte quando ha graves perturbações internas — o marechal mandou prender figurões suspeitos e suspender a publicação de jornaes adversos ao seu governo?

Porque o marechal exerce a censura telegraphica e expulsa estrangeiros mancommunados com os revoltosos?

Pois olhe, sr. visconde. Eu conheço um paiz onde não estão sequer suspensas as garantias constitucionaes e, no emtanto, a policia manda prevenir os editores de que os jornaes da opposição não poderão sahir para a rua sem que préviamente a auctoridade os leia, e não contente com isso, a mesma auctoridade manda os seus agentes apprehender os ditos jornaes e metter na cadeia os pobres diabos que os apregôam. Ora, isto sempre é mais indecente do que prohibil-os logo d'uma vez.

E basta quanto a este assumpto sobre que teria de alongar-me ainda por muito tempo se não parecesse que eu tenho realmente o proposito de defender o sr. Peixoto, o que não está no programma d'este livro.

Diz o escriptor que foi a traição — «traição negra» — que elevou o sr. Floriano ás culminancias do poder. Pergunto eu. Quem foi o traidor, se traidor houve, quem foi a alma, a cabeça, o braço, o chefe supremo da revolta que, victoriosa, teve por consequencia a ascensão do vice-presidente?

Nem mais nem menos do que o heroe do sr. visconde, o *grande cidadão*, e *grande patriota* Custodio José de Mello. E é assim que o sr. de S. Boaventura escreve a historia, é d'estas contradicções, falsidades, e *ingenuidades* que está abarrotado o folheto de s. ex.ª

A constituição da Republica Brazileira determina que o governo federal só poderá intervir nos negocios internos dos estados da União, quando essa intervenção fôr solicitada pelo primeiro magistrado do estado. Ora essa solicitação foi feita pelo sr. dr. Julio de Castilho, e o poder central não podia

deixar de intervir na revolução do Rio Grande do Sul, a não ser que tivesse de rasgar a lei fundamental da nação, como frequentemente acontece em certo paiz que eu e o sr. visconde conhecemos. Não lhe vale, pois, de nada, a auctoridade do sr. Domingos Jaguaribe.

«A monarchia deu ao Brazil um longo periodo de tranquillidade e constante progresso», escreve o sr. visconde.

Effectivamente foram precisos setenta annos para que o Brazil chegasse ao que era em 15 de novembro de 1889. Todos sabem que o movimento, o progresso, a vida nacional, estava concentrada na capital do imperio.

A centralisação administrativa era um cancro que, paralysando o desenvolvimento das antigas provincias, ameaçava levar á insolvabilidade uma nação nova e opulenta, pela multiplicação de onerosos emprestimos.

O velho imperador, homem honesto e patriota não tinha, porém, capacidade administrativa. Era um politico habil, possuia o dom de amullar as influencias que lhe fos-

sem adversas e de contemplar os planetas mais reconditos do firmamento... e mais nada. O verdadeiro, o enthusiastico afan em aproveitar e explorar as innumeras riquezas naturaes do gigante sul-americano, nasceu com a Republica. A especulação, a agiotagem entrou em grande escala em muitas das emprezas então organisadas, mas a verdade é que d'esse movimento espantoso muita coisa ficou, o bastante para dar extraordinario impulso á nacionalidade brazileira.

Em quatro annos o Brazil progrediu mais no commercio, na industria, na agricultura, nos melhoramentos materiaes do que em muito mais de meio seculo de monarchia. Quem deteve, por momentos, esse progresso assombroso foi o sr. Silveira Martins, foi o sr. Wandenkolk, e por ultimo e principalmente o sr. Custodio José de Mello.

E são estes os amigos do Brazil e o sr. visconde escreve:

«Os amigos do Brazil somos nós!»

## A MONARCHIA NO BRAZIL

### II

Monarchistas convictos, em nossa terra; não julgando por nenhuma fórma incompativel o throno com a liberdade e o progresso, é claro que, de quantas soluções possam ser apresentadas para o terrivel conflicto que actualmente dilacera o Brazil, é a restauração do imperio a solução que mais nos satisfaria e que mais desejamos.

E estamos inabalavelmente persuadidos de que, restaurada a instituição monarchica, que uma repugnante e odiosa sedição das casernas derrubou de surpreza, o Brazil readquiriria em curto lapso de tempo o credito perdido, entrando logo n'um periodo de paz e de prosperidade.

Não é, porém. só em virtude dos nossos principios politicos e em razão da confiança que temos no prestigio da monarchia e no valor dos homens que naturalmente a ser-

viriam e que hoje estão afastados da gestão dos negocios publicos, sendo aliás os unicos homens d'estado que o Brazil possue; não é só por espirito partidario que fazemos os votos mais fervorosos pelo restabelecimento do imperio.

E' tambem por patriotismo.

Poucos dias depois de proclamada a republica, um publicista republicano dizia n'um dos primeiros orgãos da imprensa fluminense que, rôto o ultimo elo que prendia o Brazil á velha metropole, a *obra* não estava ainda completa: restava annullar a influencia e o dominio d'esse *perigoso estrangeiro*, que continuava a ir alli *para encher os galeões de El-Rei*; em termos mais positivos, era preciso ainda, para que o brazileiro respirasse livremente, destruir a preponderancia do elemento portuguez, collocando a colonia lusa em condicões de absoluta inferioridade.

Isto, encarado sob qualquer ponto de vista, é inepto e ridiculo, porque o portuguez não faz sombra ao brazileiro, é o unico estrangeiro que se affeiçôa cordialmente ao Brazil, de cujo desenvolvimento tem sido

poderosissimo collaborador, e reune qualidades que o tornam o mais apreciavel e o mais util dos immigrantes europeus que o Brazil recebe.

Todavia, como o publicista alludido pensa toda a jacobinagem brazileira, pensa uma boa parte dos republicanos d'aquelle paiz.

Os republicanos portuguezes tiveram uma prova irrecusavel da má vontade dos seus correligionarios brazileiros, contra tudo o que diga respeito á nossa patria, na resposta que Ruy Barbosa, quando ministro da fazenda do governo provisorio, deu ao emissario que lhe foi pedir *auxilio* para se fazer a republica em Portugal. . .

Dados, pois, os sentimentos hostis da gente da republica, o portuguez, verdadeiramente patriota, só deve e só póde, em face da situação actual do Brazil, onde temos avultadissimos interesses moraes e materiaes, desejar que volte a monarchia, que, devemos crel-o, salvaguardará sempre esses interesses.

Com a monarchia é de esperar que nunca o Brazil celébre tratado de qualquer na-

tureza que, favorecendo outra nação. prejudique Portugal.

Com a republica... falla-se ameaçadoramente n'um tratado de commercio com a Italia, cuja concerrencia nos deve atemorisar, porque a Italia tem productos eguaes aos nossos e a sua producção é enorme.

Semelhante tratado seria um desacerto do governo brazileiro e uma verdadeira calamidade para nós.

Digam-nos agora o *Seculo* e a *Voz Publica* se a imprensa monarchica portugueza commette realmente um erro, mostrando-se sympathica e prestando o seu apoio á idéa da restauração.

Erro, mais do que erro — crime, perpetram os que estão promptos a sacrificar a patria a um rotulo politico, os que encobrem e ás vezes ate tentam justificar as violencias, as miserias e os desmandos da republica... só porque é a republica que os pratíca.

Os patriotas sômos nós.

Novembro — 1893.

*Visconde de S. Boa-Ventura.*

*
* *

## A MONARCHIA NO BRAZIL

II

O auctor do opusculo entende que a restauração do imperio é a unica solução acertada para resolver a crise actual.

Vejamos porque essa restauração é impossivel, a não ser com uma duração ephemera, e como se ella fosse possivel e provavel, seria anti-patriotica e uma calamidade para a nação brazileira.

Todas as colonias que constituiam o vasto continente americano, ao libertarem-se dos laços que as prendiam, ás respectivas metropoles, adoptaram immediatamente a fórma republicana na sua constituição como nacionalidades. Este pensamento geral que predominou do Canadá ao estreito de Megalhães, nasceu das lições da historia d'essas mesmas colonias, foi o resultado da arraigada e profunda convicção de que o atrazo e os vexames qce soffreram por muitas dezenas de annos essas esplendidas re-

giões resultaram unicamente da incuria e do desprezo dos governos monarchicos que só se lembravam d'ellas para sugar-lhes as riquezas destinadas á ostentação vaidosa dos reis. A historia dos ultimos tres seculos abunda em exemplos que corroboram esta affirmação, e para não me alongar demasiado citarei, apenas, em Portugal, o reinado de D. João V.

D'esse movimento democratico de toda a America, exceptuou-se o Brazil. As esperanças depositadas na ambição e no enthusiasmo do joven filho de D. João VI, fizeram com que os proprios democratas mais exaltados se lançassem confiadamente após a estrella do moço imperador. Em breve, porém, as esperanças dos patriotas transformaram-se em crueis desillusões. O homem do Ipyranga tornou-se um tyrannete e o 7 de Abril, expulsando-o do Brazil, foi o prenuncio do 15 de Novembro, com a differença de que a habilidade excepcional dos membros do conselho da regencia, durante a menoridade do principe imperial, conseguiu prolongar a monarchia brazileira na pessoa do sr. D. Pedro II.

O longo reinado do ultimo imperador, se bem que mais tranquillo do que o anterior, foi, no emtanto, uma completa desillusão para os que esperavam que a monarchia fosse a instituição na altura de guiar a grande potencia sul-americana á culminancia que lhe está reservada no futuro destino das nações.

Já me referi no capitulo antecedente, á centralisação administrativa, que foi o principal erro de todos os ministerios que gosaram a confiança do sr. D. Pedro de Alcantara.

O Rio de Janeiro era tudo e nada o *resto* do Brazil. A politica do campanario corroia o organismo nacional e o povo estava cançado de meio seculo de completo descalabro politico, social e financeiro, ao mesmo tempo que o chefe do Estado percorria constantemente a Enropa a bater ás portas dos grandes homens da sciencia á conquista da reputação de sabio e do diploma de doutor pela universidade de Louvain.

Quando a evolução militar derrubou as instituições monarchicas o povo brazileiro acceitou com regosijo uma solução que elle

provocaria, com certeza, logo que se finasse o velho imperador. Porque a verdade é esta. Os brazileiros jámais se conformariam com o governo da sr.ª D. Isabel e do conde d'Eu.

A innumeras pessoas de consideração e, entre ellas, a muitissimos militares ouvi dizer, no Rio, ha mais de dez annos, que a monarchia, no Brazil, extinguir-se-ia com o sr. D. Pedro II. Ora, um povo que está compenetrado de uma tal e tão arraigada convicção e que vê os seus desejos satisfeitos, um povo desilludido, ludibriado, escarnecido por uma longa serie de annos perdidos e de estadistas emperrados e aferrados á gasta e enferrujada machina de uma administração viciada e caduca; esse povo jámais consentirá em voltar aos antigos processos, á tutela da crapula bolorenta de cortezãos senis, esse povo ha de marchar fatal, inevitavelmente para deante, pelo caminho do progresso, da liberdade e da ordem.

A desordem é provocada pelos que querem que se retroceda mas a desordem será suffocada porque nunca se retrocederá. A opposição tenaz, a guerra fratricida, deses-

perada que os monarchistas e os ambiciosos impudentes movem ao sr. Floriano Peixoto, não tem senão por causa apparente a pretendida tyrannia do vice-presidente. Ella visa mais alto; é a Republica que ella pretende derrubar, mas a Republica não cahirá. Se o poder do ouro e a tenacidade criminosa das más paixões e dos interesses inconfessaveis conseguir uma vantagem ephemera, bem depressa os republicanos impollutos, a geração que desponta, a mocidade que é o povo do futuro e que é republicana, fará succeder a guerra civil á guerra civil, derramar-se-ha muito sangue mas elle lavará as ultimas nodoas de um passado ignominioso e a republica será consolidada definitiva e gloriosamente. Ahi tem o sr. visconde de S. Boaventura porque é impossivel moralmente, materialmente a restauração da monarchia no Brazil.

Para demonstrar-lhe a impossibilidade d'essa solução, não me foi preciso refugiar dentro do que s. ex.ª chama — o grande argumento da jacobinagem — as regalias federativas dos Estados.

Segue-se, no capitulo que refuto, mais um

insulto do sr. visconde, aos republicanos brazileiros a quem s. ex.ª chama — jacobinagem — isto é, a immensa maioria dos cidadãos brazileiros, a proposito da opinião de um publicista de lá, cujo nome o escriptor não cita, e a quem attribue idéas que todos os democratas rejeitam indignados e que, a existirem, não significam mais do que a opinião pessoal de qualquer idiota.

Pois bem, o sr. visconde affirma que toda a jacobinagem, os repulicanos brazileiros pensam assim. Pela minha parte e em nome dos meus concidadãos, devolvo, intacto o insulto á fidalguia do auctor.

Diz s. ex.ª que um emissario dos republicanos portuguezes foi pedir auxilio ao sr. Ruy Barboza para se fazer a Republica em Portugal, e que o solicitado respondeu negativamente. D'ahi uma prova de que os jacobinos do Brazil não gostam dos de Portugal, e uma razão para que todos os portuguezes (incluindo os republicanos, já se vê), desejem a restauração da monarchia no Brazil.

Com licença, minhas senhoras e meus senhores, eu vou alli e já venho . . .

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Agora que já satisfiz todas as necessidades inherentes a quem foi subitamente accommettido de um grande, de um formidavel ataque de riso, passemos adeante.

Eu já suspeitava de que este capitulo terminaria em estrepitosa gargalhada, mesmo porque cá está a phrase final:

«Os patriotas somos nós.»

Sim, os patriotas são elles:— S. Boaventura, Silveira Martins, Saldanha da Gama, Custodio José de Mello, *Correio da Manhã*, etc., etc., etc. Ah! Ah! Ah! Ah!

## CONFRONTO

Continúa no poder Floriano Peixoto.

Isto quer dizer: continúa a ser desgraçadissima a situação do Brazil.

Desgraçadissima, sob todos os pontos de vista: financeira, economica e politicamente.

O Thesouro absolutamente exhausto; o governo, sem recursos e sem credito, lançando mão de expedientes criminosos; o commercio aterrado diante das fallencias successivas; a industria paralysada; com todo o seu cortejo de horrores fazendo victimas sem conta, espalhando a dôr e o lucto, consumindo sommas fabulosas, precipitando o paiz n'um abysmo pavoroso; as prisões atulhadas de patriotas; a imprensa honesta amordaçada; os direitos individuaes conculcados; os odios e os preconceitos ex-

citadissimos; a lei e a liberdade substituidas pelo arbitrio e pela violencia!

Eis a obra de Floriano, que, depois de ter trahido velhacamente a monarchia, [1] está trahindo cynicamente a republica, empregando meios fraudulentos para arranjar dinheiro e commettendo, de continuo, actos do mais feroz despotismo.

E, ao que parece, o bronco e desalmado mestiço olha para o medonho espectaculo da patria com o mesmo sorriso bestial com que Nero, do alto da torre, contemplava o incendio de Roma...

O Brazil sou eu!—diz lá comsigo este Luiz XIV de goiabada. Se eu não posso viver por muito tempo, que me importa o aniquilamento geral?

[1] Flor ano exercia o elevado cargo de ajudante-general do exercito—cargo de immediata confiança do governo—quando se proclamou a republica. Dois ou tres dias antes de rebentar a sedição, dizia elle em carta ao presidente do conselho de ministros que respondia com a sua cabeça pela tranquilidade e pela ordem, assegurando ter elementos de sobra para soffocar qualquer tentativa revolucionaria.

A maneira por que se desempenhou d'este compromisso e por que correspondeu á confianca n'elle depositada foi recusando-se a mandar fazer fogo contra os revoltosos e, por fim, bandeando-se com elles.

*
* *

Compare-se o estado presente do Brazil com o seu estado anterior á sedição militar, que desthronou o sr. D. Pedro II.

Como tinha credito n'esse tempo a grande nação sul-americana! Como era espantoso o seu desenvolvimento! Com que assombrosa rapidez pequenas aldeias se transformavam em cidades populosas! Com que facilidade se construiam caminhos de ferro e o capital acudia á constituição de emprezas, ainda as mais arrojadas! De que liberdade se gosava e como a liberdade era respeitada! Como o estrangeiro, hoje amesquinhado e perseguido, se sentia então bem no Brazil, a ponto de o amar como se fôra a sua propria patria! Como eram honrados os estadistas do imperio, alguns dos quaes ainda vivem, pobremente, como sahiram do poder! De que elevado conceito e sincera veneração gosava em todo o mundo o velho imperador! Que probidade a sua! Que espirito esclarecido! Que soberano tolerante e liberal!

Confronte-se o Brazil de hoje com o Brazil de ha meia duzia d'annos, veja-se o que vae pelas republiquetas hespanholas e reconhecer-se-ha a verdade d'este conceito d'um jornalista francez:

«Com o throno do sr. D. Pedro II desappareceu a unica republica da America do Sul.»

*

* *

Tudo leva a crêr que só a monarchia ou uma republica sem republicanos, como Thiers a queria para França, restituirá ao Brazil a paz, a ordem e a liberdade.

Todavia, acima da questão de fórma de governo, está a angustia do povo brazileiro, angustia que se tem prolongado cruel e tragicamente.

Fique a republica, mas desappareçam os tyrannos, cesse a tortura, restabeleça-se a harmonia voltem os dias risonhos e tranquillos, salve-se a nação!

Janeiro—94.

*Visconde de S. Boaventura.*

*
* *

## CONFRONTO

Depois de bastos insultos ao chefe da nação brazileira e de continuar a referir-se ás calamidades que affligem o Brazil, e que eu já demonstrei que são devidas unicamente á attitude anti-patriotica e criminosa do sr. Custodio José de Mello, o auctor faz um confronto entre o Brazil monarchico e o Brazil republicano.

Na opinião de s. ex.ª no Brazil de ha meia duzia de annos, tudo era côr de rosa, ao passo que hoje tudo está perdido n'aquelle paiz. Compare-se esta apotheose feita pelo sr. visconde com o que eu demonstrei no capitulo precedente sobre o Brazil estacionario e veja-se de que lado está a razão. Se, ha seis mezes para cá, o commercio diminuiu no porto do Rio de Janeiro e, consequentemente, a industria e a agricultura resentiram-se d'esse estado de cousas, foi por que o almirante Mello, apossando-se dos navios da es-

quadra nacional, surtas na bahia de Guanabara, perseguiu, tomou e saqueou os navios que se empregavam n'esse commercio. Naturalmente outras embarcações deixaram de demandar a barra do Rio, onde tinham a certeza de encontrar um feroz e poderoso corsario; e como o movimento commercial decrescesse consideravelmente na grande arteria brazileira, e em seguida nos portos do sul, diminuiu tambem a iniciativa particular mais ou menos interessada na exportação e importação do paiz.

Confrontando-se, porém, o estado dos negocios brazileiros do tempo do imperio com os do Brazil republicano, antes da revolta do sr. Mello vêr-se-ha que, proporcionalmente, o Brazil prosperou e desenvolveu-se muito mais em tres annos de governo democratico do que em sessenta e sete annos de rotina imperialista.

Já apreciei mais atraz a celebre phrase de um jornalista francez «com o throno do sr. D. Pedro II, desappareceu a unica republica da America do Sul.»

A angustia do povo brazileiro, a que se refere o sr. visconde, é tanto maior quanto

mais pronunciada se manifesta a ingratidão dos que alardêam de seus amigos e machinam com dinheiro, com a penna, a palavra e a espada o anniquillamento das suas liberdades. É uma angustia que se prolonga e prolongar-se-ha até que sejam devidamente castigados esses amigos ursos e definitivamente restabelecida a ordem e consolidada a liberdade.

Termina o escriptor o seu capitulo ou artigo—Confronto—com um periodo requintadamente hypocrita, comparado com o que s. ex.ª escreveu antes e depois:

«Fique a republica, mas desappareçam os tyranos, cesse a tortura (!), restabeleça-se a harmonia, voltem os dias risonhos e tranquillos, salve-se a nação!»

Sim, sim, bem te conheço meu menino...
Para cá vens de carrinho.

## SEBASTIANISMO

I

Sebastianistas — é como a jacobinagem de cá e de lá chama aos que desejam a restauração — ou em obediencia ás suas convicções politicas ou porque, pondo de lado a politica, são forçados a reconhecer que a monarchia era a ordem e que a republica tem sido a mais completa e a mais calamitosa desordem.

Sebastianistas! Mas sebastianistas porque?

Os que confiavam na volta do senhor rei D. Sebastião eram uns ingenuos e ao mesmo tempo uns fanaticos, chegando por ingenuidade e fanatismo a crêr firmemente no impossivel — a reapparição d'um morto.

E não havia dissuadil-os, porque a sua crença era céga e inabalavel.

Mas onde está a impossibilidade da restauração da monarchia no Brazil?

— Um throno é uma excrescencia na livre America, dizem os fazedores de phrases ôccas.

Tambem, pela mesma razão, uma republica seria um disparate e uma desharmonia na Europa e não obstante a Suissa foi por muitissimos annos a unica republica européa.

As tradicções do Brazil são monarchicas e a grande maioria da população brazileira era pela monarchia até á sedição militar de 15 de novembro de 1889.

Sel-o-ha ainda? [1]

Com muito mais razão, porque a republica tem sido uma verdadeira desgraça. A experiencia está feita, estão dadas as provas.

A monarchia fez do Brazil, paiz selva-

[1] Nunca os governos portuguezes foram tão importunados com sollicitações de mercês honorificas para cidadãos brazileiros como depois da republica.

Um dos ultimos ministros do reino chegou a ter nota de mais de 600 pretenções de titulos e *crachats* para o Brazil.

Isto depois de promulgada a constituição brazileira, que a extingue definitivamente todas as honrarias!

gem, uma grande nação civilisada; a republica, dentro de poucos annos, reduziu o Brazil civilisado ás tristissimas condições em que se encontra.

Contra factos não ha argumentos.

Como póde, pois, o povo brazileiro preferir a republica á monarchia?

É certo que não reagiu contra a fatal aventura de Deodoro — o que foi um erro, cujas consequencias está soffrendo.

Não reagiu, porque se intimidou á vista da força armada, mas nem applaudiu nem acceitou sem intima contrariedade a transformação politica.

Esta é que é a verdade.

Quando o velho imperador partiu para o exilio, á parte a soldadesca victoriosa e a republicanagem declamadora, todos os corações se confrangeram, não houve quem não sentisse os olhos humedecidos de lagrimas.

Agora mesmo, o primeiro cuidado e o primeiro desejo do brazileiro que chega pela primeira vez a Lisboa é ir a S. Vicente de Fora visitar as cinzas de Pedro II, render ao cadaver do esclarecido e liberalissimo

soberano a homenagem do seu respeito. E raro é aquelle que soffreia o pranto; e, entre os que lá teem ido, contam se não poucos funccionarios da republica...

Tudo isto é muito significativo.

Onde está a impossibilidade da restauração da monarchia? repetimos.

É preciso que se saiba entre nós que a idéa republicana surgiu no Brazil, d'um despeito repugnante.

Foi em 1871, quando o imperador resolveu dar execução ao seu nobilissimo pensamento de estancar a fonte da escravidão, que se principiou a fallar em republica e que se tratou de organisar um partido republicano — em accinte á corôa.

Até ahi, se existia alguem que fallava em republica, era um mero devaneador, um visionario.

E, mais tarde, o que engrossou as fileiras republicanas foi a plena adhesão do throno á causa da libertação dos escravos.

Eis a origem do movimento republicano e eis o motivo por que esse movimento chegou a ter uma certa importancia no tempo do segundo reinado.

Declararam-se republicanos os que queriam a perpetuidade da escravidão, que lhes garantia a ociosidade e a riqueza. Não tendo outro meio de manifestarem o seu desgosto pelas sympathias e pelo impulso que a idéa redemptora encontrava no Paço, punham-se ridicula e inconscientemente a gritar *Viva a republica!* os mais deshumanos senhores de escravos, os mais intransigentes e ferrenhos conservadores!

A abolição fez-se sem abalo, o despeito foi-se dissipando e hoje tudo faz crêr que taes *republicanos* estejam profundamente saudosos da monarchia e arrependidissimos da força moral que déram aos que — em hora funesta para o Brazil—a substituiram.

Não ha duvida que a indole brazileira, assim como é fundamentalmente generosa, é essencialmente democratica.

Mas a monarchia harmonisava-se perfeitamente com os sentimentos do povo, levando a familia imperial a sua simplicidade e a sua lhaneza talvez ao excesso.

É possivel que, se o throno não fosse tão accessivel e se cercasse de apparato theatral, infundisse maior respeito . .

A verdade é, porém, que não existia a minima incompatibilidade entre a instituição monarchica e os sentimentos democraticos da nação.

Voltaremos ao assumpto, mas o que deixamos dito parece-nos ser já sufficiente para demonstrar que é irrisorio e inepto o qualificativo de sebastianistas, dado aos que trabalham pela restauração, aos que crêem n'ella e aos que a desejam.

Que, se o fossem, se realmente estivessem obcecados, como os que esperavam a volta d'el-rei D. Sebastião, não deixariam de ser os melhores patriotas e os verdadeiros amigos do Brazil.

Aquella republica tem sido um desastre, uma vergonha, um horror.

*Visconde de S. Boaventura.*

*
* *

## O SEBASTIANISMO

### I

Não faço questão de palavras comtanto que as que se empregam expressem perfei-

tamente o sentido que se tem em vista explicar, mas entendo que o termo — sebastianistas — é bem applicado aos que desejam e esperam o restabelecimento da monarchia no Brazil. A palavra é até bem frisante. Ella quer dizer que é tão possivel esse restabelecimento como a volta de D. Sebastião.

O tempo encarregar-se-ha de provar se foi ou não bem acertada a escolha.

O sr. visconde tem lido n'esta contestação outras razões sobre a impossibilidade de se realisarem os desejos de s. ex.ª que não a simples affirmação — a monarchia é uma excrescencia na America — que o illustre fidalgo qualifica de phrase ôcca, mas que é profundamente verdadeira.

Hoje, a monarchia é uma excrescencia em todo o nosso planeta, os povos o sabem e o sentem.

«As tradições do Brazil são monarchicas» assegura s. ex.ª Engana se, sr. visconde.

As tradições do Brazil são as de toda a America; as tradições de um povo e de uma nacionalidade consistem nos seus brilha

tes feitos, nas suas conquistas, nas suas descobertas, nos seus monumentos, nos seus heroes, nas suas glorias. Quanto a formas de governo os povos mudam nas quando lhes convem.

Jámais uma instituição constituiu uma tradição.

Disse e provei como e porque a grande, a immensa maioria da população brazileira, que tolerava a monarchia por consideração ao velho imperador, abraçou francamente a Republica.

A nota do auctor destinada a provar que o povo brazileiro é monarchico, é mais um argumento contraproducente. D'esses 600 pedidos de titulos e *crachats* para o Brazil, aposto e garanto em como 500, pelo menos, pertenciam a cidadãos portuguezes residentes no Brazil.

A este respeito occorre-me uma bella resposta do finado imperador. Perguntando-lhe um amigo, supponho que em Paris, qual o motivo da facilidade com que no Brazil se concediam commendas e titulos, sua magestade respondeu:

— Se não fôsse essa receita, tão depressa

não ficaria prompto o hospital de doidos, no Rio de Janeiro.

Escreve s. ex.ª:

«A Republica, dentro de poucos annos, reduziu o Brazil civilisado ás tristissimas condicções em que se encontra».

Já demonstrei o quanto esta asserção é falsa e direi, como o sr. visconde: — contra factos não ha argumentos.

Não deixarei passar sem formal protesto a affirmação de que o povo brazileiro foi obrigado a acceitar a Republica, intimidado pela força armada. É falso, falsissimo e é uma nova injuria atirada pelo sr. visconde ao povo brazileiro.

Já provei que o povo do Brazil acceitou gostosamente a Republica enojado pelos processos caducos e escandalosos da monarchia; quanto a medo o sr. de S. Boaventura sabe, na perfeição, que os brazileiros não temem a *municipal*. Se o não sabe, a historia do Brazil, apesar de pequena, abunda em exemplos que rebatem a injuria de s. ex.ª

Esta é que é a verdade, sr. visconde.

Em seguida o escriptor, como que sen-

tindo-se desfallecer na sua ingloria campanha, receioso da propria audacia em avançar proposições como as que acabo de destruir, agarra-se pressurosamente á memoria do ultimo monarcha.

Refere-se á partida do velho imperador e ás constantes visitas que, ao seu tumulo, fazem os brazileiros e até os funccionarios da Republica. Plenamente de accôrdo. O ultimo imperador é digno de todo o respeito e de toda a veneração como homem e como chefe do estado.

Como homem foi um virtuoso, um exemplar chefe de familia. Como imperador foi um patriota. As suas intenções foram sempre boas, mas a longa e rotineira administração do seu reinado deu pessimos resultados.

Todas as vezes que eu chego a Lisboa, o meu primeiro passeio é a S Vicente de Fóra, ao pantheon dos Braganças, para contemplar a serena physionomia do cidadão que, pelo espaço de quasi meio seculo, foi o primeiro magistrado da minha patria, d'esse venerando ancião, respeitavel, simples e honestissimo, cujo maior titulo de gloria, é a

grandeza d'alma na adversidade. E, no emtanto, eu saio de lá cada vez mais firme nas minhas convicções, lamentando que se perdesse tanto tempo inutilmente para o futuro e para o desenvolvimento do Brazil, quando se poderia ter começado a viver mais cedo e, talvez, sem que a ambição e o odio do sr. Mello perturbasse por momentos, o rapido e glorioso caminhar da minha grande e querida patria.

Eis-nos em presença de outra falsidade.

«A idéa republicana surgiu, no Brazil, de um despeito repugnante» escreve o sr. visconde e explica que esse despeito nasceu e desenvolveu-se nos grandes proprietarios, em seguida á plena adhesão do throno á libertação dos escravos.

Esta inverdade é mais uma prova e prova esmagadora, de que s. ex.ª, com a publicação do seu opusculo, pretendeu atirar poeira aos olhos dos ignorantes, ou então de que o illustre titular zomba da boa fé do publico.

Mais do que a idéa republicana, ha muitos annos que existia no Brazil imperial o partido republicano historico que, muito an-

tes da abolição da escravidão, elegia deputados ao parlamento do imperio.

Entre outros citarei os antigos republicanos Prudente de Moraes, Campos Salles, Alvaro Botelho, Monteiro Manso, que fizeram parte da camara electiva, os dois primeiros por muitas legislaturas, ininterruptamente, e quando apenas se iniciava a brilhantissima campanha abolicionista. Na imprensa republicana avultava e avulta *O Paiz*, valente baluarte da democracia brazileira que, sob a direcção politica do grande jornalista e eminente republicano Quintino Bocayuva, em lucta titanica, minou pouco a pouco, o sólo que sustinha o throno bragantino.

Depois do aureo 13 de Maio, os fazendeiros que se disseram republicanos por vingança ao governo monarchico, nenhum prestigio nem nenhuma força deram ao então pujante partido republicano pois que a Republica não se fez, no Brazil, com a sua collaboração, mas pela iniciativa e constancia de forte e tenaz propaganda, na tribuna e na imprensa, epilogada pela evolução militar de 15 de Novembro.

Escrever-se que a origem do movimento republicano, no Brazil, foi a libertação dos escravos... só do sr. visconde de S. Boaventura.

S. ex.ª reconhece que a indole do povo brazileiro é generosa e *essencialmente democratica*, mas accrescenta que a monarchia harmonisava-se com os sentimentos da nação por causa da simplicidade e lhaneza, talvez escessiva, da familia imperial.

A prova de que havia toda a incompatibilidade entre a instituição monarchica e os sentimentos democraticos da nação brazileira, está no testemunho quasi unanime dos proprios amigos e frequentadores do paço de S. Christovão, e a opinião já firme e arraigada nas massas pepulares de que a Republica seria proclamada depois da morte do imperador.

D'aqui se deduz que não era a instituição que se tolerava mas sim a pessoa do monarcha.

Aquella Republica não tem sido um desastre, nem uma vergonha, nem um horror.

Proclamada sem effusão de sangue, em

um passeio triumphal, com a adhesão unanime de todas as provincias, tão estupendo facto, virgem na historia da humanidade, provocaria, fatalmente, uma reacção, tanto mais violenta quanto era formidavel o odio o despeito dos grandes e dos poderosos que, inesperadamente, foram derrubados dos seus altos pedestaes.

Esperava-se, portanto, a lucta. Ella era uma questão de tempo e inevitavel e a lucta manifestou-se, mas como?

Quem e em nome de que principios perturbou a nova phase politica e administrativa do Brazil?

Esperava-se que os adeptos e os defensores das velhas instituições se apresentassem em campo, de rosto descoberto a reconquistarem o predominio, a restaurarem o throno. A Republica acceitaria o repto e combater-se-ia ás claras. Todo o mundo saberia que a guerra civil do Brazil era uma lucta de principios, de idéas, de convicções, um embate terrivel de luz e de trevas.

Em vez d'isso o que appareceu foi o embuste, a hypocrisia, a ambição, a mascara a encobrir paixões ignobeis e interesses vis;

quem appareceu foi o sr. Silveira Martins com o ouro dos *interessados* e com o rotulo da Republica parlamentar; quem appareceu foi o sr. Custodio José de Mello com o ouro dos *interessados* e com o lettreiro — viva a Republica! — no final de todos os seus manifestos. O que pretendem esses senhores?

Respondem-nos: *Derrubar o tyranno, restabelecer a ordem, consultar a nação.*

Não existe tyranno nem tyrrannia, não havia desordem antes da revolta e a nação já foi consultada e já confirmou o Brazil replicano.

Que confiança póde haver em um homem que, ao revoltar-se contra o governo legal, constitucional da sua patria, declarou assignando — que nunca bombardearia o Rio de Janeiro e que, dias depois, assestou as suas baterias para o coração da opulenta cidade arrasando edificios e ceifando vidas?

O sangue das victimas que, innocentes, descuidadas e inermes confiavam na palavra do *grande patriota* e tranquillamente aguardavam a solução de contenda, tratando dos seus negocios, ha de cahir sobre a cabeça d'esse miseravel sem honra e sem

coração, como a maldição do céo. As lagrimas das mães que, em cruciantes dôres, pranteiam as tenras vergonteas dos seus amores, as lagrimas do filho, da esposa, da irmã, do amigo, queimarão como ferro candente a consciencia do perjuro e do assassino que tudo sacrificou á insaciavel ambição que o domina, que desconhece a humanidade, a natureza, Deus, e que só vê, a fluctuar em um mar de sangue, a suprema aspiração da sua alma de lodo — a presidencia da Republica!

E os monarchistas a fornecerem dinheiro para o sr. Mello subir e o sr. Saldanha da Gama, á frente d'elles, a auxiliar o sr. Custodio para uma *consulta á nação* e o sr. visconde de S. Boaventura a defender e a endeusar o *grande patriota* e a affirmar que aquella Republica tem sido um desastre, uma vergonha e um horror!

Para vencer taes inimigos a Republica não precisa combater.

## O SEBASTIANISMO

### II

Se a republica tivesse sido um bem para o Brazil, se fosse evidente a superioridade da administração republicana, se as novas instituições tivessem dado manifesto impulso ao progresso intellectual e material do paiz, se as condiçoes da sociedade brazileira tivessem melhorado sensivelmente, comprehender-se-hia o epitheto de sebastianistas, applicado aos que pensassem em restauração.

Até se lhes podia — o nosso monarchismo não é intransigente — e devia chamar nome mais feio, porque, afinal de contas, a questão de fórmas de governo é, talvez, uma questão byzantina, como dizem muitos: o que um povo deve querer é que o governem bem e, visto que a republica governava melhor que a monarchia, a idéa restauradora, além de desasizada, seria criminosa.

Mas o governo republicano tem sido desastrado em tudo e por tudo: se o Brazil não fosse tão grande e tão fecundo, se não contivesse tantas riquezas, algumas das quaes ainda absolutamente inexploradas, se não fosse um paiz de tão extraordinarios recursos, estaria a esta hora arruinado para sempre.

Até falta completa de homens — de homens habeis, está claro, — tem havido com a republica.

De ordinario, as revoluções põem em evidencia capacidades que até alli eram desconhecidas, lançam a luz sobre individuos, até então obscuros, que aproveitam o ensejo de revelar se e que, pelo seu merito real. são logo chamados para as posições dirigentes.

A revolução brazileira ainda não deu um homem superior.

Á excepção de Custodio José de Mello, que, revoltando-se com uma grande parte da marinha contra o funesto e prepotente governo de Floriano, manifestou uma singular inergia, de par com o maís levantado civismo, á excepção de Ruy Barbosa, que

já vinha da monarchia e cuja pujança intellectual é indiscutivel — a galeria dos improvisados ministros de Deodoro e de Floriano compõe-se de mediocridades e, o que é peor, de nullidades pretenciosas e atrevidas.

Figura entre elles até um simples procurapor de causas em terra quasi sertaneja, um homem sem estudos nem tirocinio administrativo, um mero galopim eleitoral — o sr. Francisco Glycerio!

O proprio Benjamin Constant, como ministro, não fez nada que justificasse a reputação que lhe crearam. Foi a expressão mais completa da insignificancia.

Os seus discipulos e os seus protegidos glorificaram-lhe o nome, mas essa glorificação tem de ser ephemera, porque não ha actos nem obras que a amparem e documentem.

O mestre abalisadissimo, o pensador insigne, o philosopho genial, o sabio prodigioso, que preparou para a republica a mentalidade das novas gerações, começava por desconhecer a lingua e a grammatica portugueza!

Escrevia e fallava deploravelmente, qual um capadocio bahiano.

Se alguma vez se lhe deparou o conselho de Boileau

*Sans la langue... l'auteur te plus divin*
*Est toulours, qu'oi qu'il fasse, un mécsant écrivain,*

sorriu desdenhoso, sacudiu os hombros e não lhe deu a minima importancia.

Os seus despachos, os seus avisos e os seus regulamentos, quando secretario de estado, alliam á chateza e banalidade da essencia a incorrecção monstruosamente barbara da fórma.

Lêra Auguste Comte, fanatisára-se pelas suas doutrinas, preleccionava, da cadeira de lente, o positivismo, confraternisava com os discipulos: d'ahi a reputação que alcançou.

Como espirituosa e sensatamente escreveu algures o sr. Eduardo Prado, os emblemas a collocar na sepultura do general Benjamim Constant são um livro em branco e uma espada embainhada: livro que nunca escreveu, espada que nunca esgrimiu.

Ora, ao passo que a republica apresenta esta completa falta de homens de governo, a monarchia, se fosse restaurada, encontraria immediatamente estadistas de pulso a quem confiar a administração.

O visconde de Ouro Preto, que, durante o seu exilio recebeu na Europa, especialmente na Inglaterra, as mais inequivocas e valiosas demonstrações de apreço, chegando alguns dos mais opulentos e acreditados banqueiros de Londres a dizer lhe que, se algum dia elle voltasse a gerir as finanças brazileiras, empregariam todos os esforços para que os titulos do Brazil readquirissem a cotação que tinham antes da revolta de Deodoro; o conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira, o politico sagacissimo, o jurisconsulto eminente, que. no *Direito das coisas*, uma obra monumental, deixou affirmadas a vastidão do seu saber e a superioridade do seu espirito; o conselheiro Candido de Oliveira, que é tambem um jurisconsulto notavel e que, tanto no parlamento como no governo, demonstrou, no tempo do imperio, aptidões excepcionaes; Silveira Martins, o tribuno rio-grandense, que dispõe de

duas grandes forças — a sua palavra vibrante e persuasiva, inspirada sempre por um patriotismo ardente, e da sua vontade inquebrantavel; o dr. João Mendes de Almeida, uma summidade na jurisprudencia e na politica; um erudicto; um fiel imperterrito da monarchia; o homem que defendeu na imprensa e na camara e que depois regulamentou a lei que declarava livres os nascituros da mulher escrava; Affonso Celso, cujo talento fulgurante era o orgulho da sua geração academica e cujo caracter altivo e nobilissimo faz honra á mocidade brazileira; Antonio Prado, o ministro que teria referendado a lei da libertação incondicional dos escravos; se uma doença pertinaz o não retivesse no leito; o homem a quem a imprensa de S. Paulo chamou, em tempo, o *grande paulista*, como em França se chama o *grande francez* ao velho Lesseps, e que na realidade merecia essa denominação pela sua iniciativa incançavel e ousada, pelo concurso moral e material prestado a innumeras emprezas, pelo muito que contribuiu para o desenvolvimento, devéras assombroso, da sua provincia natal; Carlos de Laet,

um vulto do jornalismo e da litteratura, um polemista eximio, uma intelligencia de primeira ordem, uma illustração variadissima e, além de tudo isto, a personificação da lealdade partidaria; o almirante Saldanha da Gama, o bravo marinheiro, tão digno dos seus appellidos illustres; João Alfredo Corrêa d'Oliveira, o companheiro do visconde do Rio Branco em 1871, o reformador do ensino das escolas superiores, o presidente do gabinete libertador; Carlos Affonso, Ferreira Vianna, Joaquim Nabuco, Silva Costa o visconde de Taunay, Rodolpho Dantas — eis, entre muitos outros, todos de valor provado, os homens com que poderia contar a monarchia.

São elles, sem sombra de duvida, a *élite* intellectual do paiz, os primeiros homens do Brazil, os mais competentes para o levantar do abatimento actual, reorganisal-o e restituir-lhe o credito.

Se esta verdade é reconhecida e confessada pela maioria da população brazileira, porque descrêr da possibilidade de uma restauração?

Pois não é muito natural que, á vista do

horror que por lá vae, ella chegue mesmo a impôr-se, como ultimo recurso salvador?

Onde, portanto, a obcecação sebastianista?

*

* *

— As antigas provincias, hoje estados, não prescindiriam mais das regalias que lhes deu a republica e essas regalias são incompativeis com a monarchia, dizem os que não admittem que se pense em restauração.

E' o seu grande argumento, o baluarte inexpugnavel dentro do qual se refugiam.

Os estados cederiam de bom grado as taes regalias, mais ou menos ficticias, em troca da paz e da ordem. A monarchia, porém, não tinha necessidade de organisar mais racional e equitativamente a federação brazileira.

Um escriptor brazileiro, francamente republicano, o sr. dr. Domingos Jaguaribe, que ultimamente publicou um livro intitulado *Influence de l'esclavage et de la liberté*, diz n'esse livro (pag. 5):

«Au point de vue des avantages pour le

bien-être des citoyens, la République n'a pas donné la paix et la prospérité attendues, mais la faute en est à la fédération, qui a établi des états sans avoir les ressources suffisantes pour assurer leurs progrés.»

Ora aqui está a belleza da federação republicana.

E quanto à incompatibilidade da instituição monarchica com a autonomia das provincias, a prova de que não existe é que o partido liberal monarchista reclamava essa autonomia e que um grande numero de deputados do mesmo partido chegou, no tempo do imperio, a apresentar á camara um projecto descentralisador.

*

* *

Como tinha razão José do Patrocinio, quando, n'uma das suas memoraveis conferencias abolicionistas, apostrophava os republicanos, que lhe dirigiam apartes insidiosos!

«A minha questão, exclamava elle, não é de republica: a minha questão é de liber-

dade! Venha a republica, se a republica póde alargar a liberdade do povo brazileiro. Mas eu desde já faço este voto: — que a republica seja tão tolerante, tão generosa, tão liberal como esta monarchia em que vivemos e onde é mais facil pedir a cabeça da princeza imperial que o *cache-nez* do sr. Saldanha Marinho!»

*

* *

## SEBASTIANISMO

### II

Como a republica tem sido e ha de ser um bem para o Brazil, como as novas instituições teem dado o manifesto impulso ao progressivo desenvolvimento intellectual e material d'aquelle paiz, já escrevi e demonstrei sobejamente.

Abençoado Brazil é tamanho e tão fecundo que rusistirá aos immensos prejuizos que lhe estão causando os seus proprios filhos.

«A Republica tem absoluta falta de homens habeis. A revolução brazileira ainda não deu um unico homem superior a não

ser os srs. Custodio José de Mello e Ruy Barbosa.»

E' isto o que escreve o auctor da *Revolução Brazileira*. A monarchia sim, essa é que *ainda conta* uma longa série de portentos, uma interminavel lista que o escriptor desenrola, de geniaes e fieis servidores que estão só á espera que o sr. Saldanha da Gama *consulte a nação*, para cahirem de novo sobre o Brazil como um bando de abutres vorazes, perdão, de *salvadores* da patria.

Não perderei o meu tempo a acompanhar o sr. visconde na analyse dos meritos dos estadistas que cita e que serviram a monarchia. Todos elles teem a sua parte na responsabilidade pelos excessos e desmandos das antigas administrações. Muitos d'elles teem... outras coisas que não tratarei de apreciar aqui porque este trabalho não é destinado a atacar e a defender pessoas mas principios. E' por isso que não investigarei a personalidade do talentoso Ruy Barbosa, invocado pelo panegyrista.

Quanto ao almirante Mello o caso é differente. O sr. Custodio é a alma da sanguinolenta revolta que agita e perturba inglo-

riamente a minha patria. Alem d'isso elle obra, ao menos na apparencia, por conta propria; não representa um partido, não traduz uma idéa, não significa um principio; é um corsario que se apoderou dos navios de guerra da sua patria e que destróe, mata, incendeia, e rouba por bel prazer e para fins inconfessaveis.

Eis porque não me é possivel deixar de referir-me, embora com nauseas, á pessoa do sr. Mello. O auctor quer que a joven Republica Brazileira, com quatro annos de existencia, possua grandes homens e habeis estadistas. Seria a maravilha da producção universal.

Ainda assim eu vou citar nomes, menos numerosos que os apontados por s. ex.ª mas talvez mais illustres, com certeza mais *puros*, caracteres impollutos.

Compare-se sessenta e sete annos de monarchia com quatro de Republica e veja-se, em proporção, de que lado está a vantagem e a má fé do escriptor que mente aos seus leitores, assegurando-lhes que a Republica Brazileira não possue homens capazes.

Ahi vão os nomes:

Prudente José de Moraes Barros, Manuel Ferraz de Campos Salles, Saldanha Marinho, Lauro Sodré, Bernardino de Campos, Rangel Pestana, Manuel Victorino Pereira, Sampaio Ferraz, Lopes Trovão, Ennes de Sousa, Amrerico Braziliense, etc., etc. .

Note-se que nenhum d'estes cidadãos é dos despeitados nem dos adherentes da ultima hora. Pertencem todos ao velho partido republicano historico.

Se alguns d'estes nomes não são tão conhecidos como os dos politicos da monarchia, é porque pertencem a moços que ainda não tiveram occasião de applicar em longa e brilhante administração, os vastos recursos de que dispõem.

O sr. visconde consagra duas paginas d'este capitulo a insultar um morto—tal a fórma porque aprecia o vulto de Benjamim Constant e expediente bem pouco adequado a um escriptor fidalgo.

É pena que já não viva o sublime visionario para aprender grammatica com o sr. de S. Boaventura. Sua ex.ª chama ficticias ás regalias dos estados, isto é, ao

systema federativo e affirma que as antigas provincias cederiam de bom grado essas regalias contanto que voltasse a monarchia e accrescenta mais adeante:

«A prova de que a monarchia não é incompativel com a autonomia das provincias é que o partido liberal monarchico reclamava essa autonomia.»

Razão de cabo de esquadra e pasmosa ingenuidade!

Disse, provei, repeti e insisto.

O maior mal da administração monarchica foi a centralisação administrativa.

As antigas provincias tinham um simulacro de autonomia com o titulo de assembléas provinciaes; mas a verdade é que os proprios juizes de paz dos confins do imperio eram nomeados pelo governo central.

É exacto que o partido liberal tinha inscripto no seu programma esta phrase pomposa — autonomia das provincias — que servia-lhe para obter votos dos *caipiras*, e o projecto a que se refere o sr. visconde. nem sequer foi julgado digno de deliberação.

O que tinham a esperar as provincias de semelhante estagnação?

Nem d'aqui a meio seculo, a não ser por uma revolução popular, melhoraria a sorte das provincias que só lembravam ao poder central para a cobrança de impostos e para a cabala eleitoral.

Assim, de chofre, pelo systema federativo, foram essas infelizes provincias transformadas em verdadeiros estados, unicamente ligados ao governo da União pelo laço da solidariedade nacional.

É irrisorio suppor-se que, dada a hypothese da restauração monarchica, essas regiões continuassem, sob o regimen realista, a gosar as mesmas regalias actuaes. Estas são apenas compativeis com a democracia, comprehendida e executada em toda a sua amplitude.

Durante o longo periodo imperialista só duas provincias progrediram, S. Paulo e Minas Geraes, devido á iniciativa dos seus proprios filhos. As outras jaziam n'um deploravel marasmo. Realisou-se a federação dos estados e, em quatro annos, todos elles progrediram proporcionalmente, mais do que em todo o periodo imperial.

Este trabalho não comporta estatisticas

mas a propria imprensa portugueza diariamente registra, na sua secção commercial, e nas correspondencias do Brazil, a verdade do que avanço.

Transcreverei, para prova da minha asserção e em contraprova á transcricção que faz o sr. visconde de um trecho do dr. Jaguaribe, um artigo da columna de honra do *Primeiro de Janeiro* n.º 49, folha monarchica, no qual é imparcialmente apreciada a maravilhosa belleza e os esplendidos resultados do systema republicano federal brazileiro.

A descentralisação politica e financeira que a constituição republicana outorgou ás antigas provincias do imperio, foi para cada uma d'ellas uma fonte inexhaurivel de grandes prosperidades que já á hora presente se amoedam em vantajosas riquezas. Desde os pequenos até aos grandes estados nota-se em quasi todas as subdivisões da confederação, a par de uma sobria e sensata administração, um extraordinario incremento das receitas publicas.

S. Paulo, Minas, Pará e Amazonas, depois de custearem as avultadas despesas dotadas pelos seus orçamentos, ainda dispõem em caixa de sobras de valor.

Bahia e Pernambuco, cujas finanças durante o passado regimen se resentiram sempre da mais clamorosa depreciação, conseguem agora equilibrar a sua lei orçamentaria, e presentem para amanhã os gosos da opulencia, graças ao consideravel desenvolvimento dos seus

agentes de riqueza — o fumo, o algodão e o assucar ; no Espirito Santo, Alagôas e Sergipe, pequenos estados que em outros tempos eram outros tantos parasitas do poder central, vê-se que, além de haver saldos em caixa, a mais significativa circumstancia d'esses estados promoverem a amortisação das suas respectivas dividas; no Rio Grande do Sul, ahi mesmo, n'esse estado que a guerra civil assola, ha tanto tempo, ahi mesmo se observa uma situação financeira desafogada, que permitte ao governo estadual obter recursos não só para as despezas ordinarias mas ainda para as extraordinarias a que obriga a latente revolução local ! N'estes, como na maioria dos outros estados da união brazileira, nota-se o bem estar que promana de uma situação financeira e economicamente solida, secundada de mais a mais pelas sorridentes esperanças de um futuro sempre bafejado pela fortuna dos ultimos 3 annos. E é inspirado por este optimo aspecto que um jornal fluminense, alludindo ás tentativas restauradoras do almirante Saldanha da Gama, formúla estas judiciosas perguntas: Haverá Estados, e quaes serão elles que tenham conveniencia de voltar á antiga forma de administração politica ? — Emancipados politicamente, dispondo de finanças lisongeiras e do seu credito intacto, que adhesões valiosas pode haver nos Estados da União, ás tentativas de destruição da constituição politica que lhes deu a liberdade, o bem estar e a riqueza?

As perguntas vem evidentemente de quem nas contendas que por lá vão travadas tem uma pontinha de interesse e paixão, mas nem por isso dão menos para meditar á conta da verdade e sensatez que parece inspiral-os.

Se, como parece provado, as franquias autonomicas com que a republica dotou os estados brazileiros abriu a todos estes uma éra de fortuna e de credito pela simples independencia na exploração dos recursos proprios, não se nos afigura tarefa facil a victoria do sr. Saldanha da Gama, desde que o objectivo da sua revolta seja reduzir

novamente a grande patria brazileira a um regimen centralisador. O lucido e já bem conhecido manifesto do sr. dr. Affonso Penna, governador de Minas Geraes, dá para o caso a justa medida das disposições dos outros estados. Bem devotado ao regimen imperial foi o sr. Affonso Penna, que até por duas vezes foi ministro da corôa, bem monarchista foi a provincia de Minas, onde a familia imperial teve, por duas vezes a mais enthusiastica acolhida. Mas, ante a prosperidade e bem estar fruidos á sombra do regimen federal republicano, nem o estado nem o seu governador votam pelo regresso ao passado, decerto receiosos de ahi depararem com a tutela enervadora da sua riqueza e da sua liberdade.

Minas é effectivamente um estado que mais tem visto crescer as suas rendas e melhor florescer as suas finanças; votar pelo anniquilamento da organisação politica a que deve este beneficio, poderia exprimir uma dedicação partidaria levada ao fanatismo, mas era com certeza toda a negação de um civismo bem entendido. Abranja-se n'este conceito todos os outros estados, onde mais ou menos se dão as mesmas condições que notamos no de Minas Geraes, e ver-se-á então que não deixam de proceder as duas interrogações que acima transcrevemos».

Á vista d'isto como admittir a possibilidade da adhesão, já não direi de todos, mas de um só estado da Federação Brazileira, á restauração desejada pelo sr. Saldanha ou por quem quer que seja?

Desenganem-se os sebastianistas.

A Republica está tão consolidada no territorio brazileiro que, pretender derrubal-a, equivale a esphacelar a patria.

O Brazil dividir-se-ia immediatamente em pequenas republicas que teriam, talvez, a sorte das nações platinas, com excellentes instituições, mas devoradas pelo militarismo, pelos Mellos.

É com profunda mágua que reconheço que o meu estado natal, a opulenta e uberrima região banhada pelo gigantesco Amazonas, seria o primeiro a separar-se da communhão brazileira. Isto não é uma opinião individual.

O illustrado chefe d'aquelle estado, o sr. dr. Lauro Sodré, assim o declarou official e solemnemente, com applauso da maioria dos seus estaduanos, mas com profundo pezar e energica reprovação dos que, ao espirito de bairrismo, antepoem o ardente amor á grandiosa collectividade nacional, á grande patria brazileira.

O Brazil só será verdadeiramente esplendoroso, só cumprirá os seus brilhantes e gloriosos destinos, unido em communidade social e politica.

A gigantesca nacionalidade que enfrenta o Atlantico e os Andes, o Amazonas e o Prata, está indubitavelmente destinada a

ser o amplissimo scenario da civilisação universal, o orgulho e a gloria das gerações futuras.

Para attingir esse apogeu sublime basta que ella se conserve unida, uma, atravez dos seculos. A democracia se encarregará do resto. O que os paraenses e todos os brazileiros teem a fazer, como patriotas, e como democratas, é, no caso de uma provisoria e ephemera comedia imperialista, unirem-se como um só homem e restabelecerem immediatamente a Republica Federal — unica fórma de governo compativel com a indole do povo brazileiro, em que pese ao sr. de S. Boaventura.

Por ultimo cita-nos o sr. visconde, José do Patrocinio a dirigir um galanteio á monarchia. Fiel ao meu proceder de não offender nem defender personalidades, direi apenas, para inutilisar esta *auctoridade*, que o sympathico e intelligente sr. do Patrocinio tanto defende o pró como o contra em toda a sua vida publica. Conforme o vento sopra molha-se a véla.

Do contrario não se daria feijoada aos amigos, ás sextas-feiras, em Paris. É verda-

de que se acabaram depressa os bagos e o vento agora não sopra muito de feição, mas emfim, quando o nordeste açoita muda-se de rumo e depois vem a calmaria.

## TENDENCIAS AMERICANISTAS

A famosa doutrina de Monröe começou a propagar-se no Brazil e a ter defensores ardentes depois da sedição militar de 15 de novembro.

Os nativistas, os que sempre viram com maus olhos o europeu, abraçaram-n'a facilmente, porque se harmonisava á maravilha com os seus sentimentos e com os seus preconceitos.

E tão rapidamente iam engrossando as fileiras dos proselytos das egoisticas idéas do celeberrimo presidente dos Estados-Unidos que o sr. Eduardo Prado, um espirito emancipado e esclarecidissimo, um patriota sincero e sensato e um escriptor primoroso, publicou um livro, combatendo-as e procu-

rando demonstrar que os brazileiros commetteriam o mais deploravel e o mais funesto dos erros, se porventura as adoptassem.

Apesar de não atacar a pessoa de Floriano nem de excitar os animos contra o seu governo, esse livro, que tem por titulo *A illusão americana,* foi apprehendido pela policia, algumas horas depois de ter sido posto á venda.

Conhecemol-'o apenas pelas succintas noticias d'alguns jornaes de S. Paulo, não o chegámos a lêr, mas cremos—dado o talento e dada a illustração do auctor, que já percorreu a America do Norte e que conhece bem o caracter dos *yankees* — que é um trabalho irrefutavel, cheio de considerações valiosissimas e de observações pessoaes de grande alcance.

Vejamos muito pela rama a questão.

De que precisa o Brazil para florescer, para tornar-se uma grande nação, sob todos os outros pontos de vista, como o é territorialmente?

De braços e de capitaes.

Restabeleça-se a ordem e, com esses dous

elementos, o Brazil progredirá assombrosamente, será, em curto lapso de tempo, um dos primeiros paizes do mundo.

As suas riquezas mineraes e vegetaes chegam a parecer fabulosas e não ha solo mais fecundo do que o solo brazileiro.

Ora os Estados-Unidos não podem fornecer-lhe braços, porque os não teem de sobra.

Teem, ao contrario, carencia, continuando a attrahir a immigração da Europa e de varios pontos d'Africa e até a servir-se do trabalhador chinez.

Fornecer-lhe-hão capitaes? É certo que o podiam fazer, mas é certo tambem que não o farão, porque isso não está na indole americana, porque o *dollar* decididamente não emigra.

No Brazil, já deve existir a convicção de que é inutil contar com os Estados Unidos para operações financeiras. As varias tentativas feitas para chamar áquelle paiz o dinheiro americano teem sido absolutamente baldadas.

Quando se fundou no Rio de Janeiro o *Banco Brazil Norte-America*, tinha-se por

certo que metade do capital iria dos Estados Unidos, havendo promessa positiva n'esse sentido.

Pois quem prometteu, faltou, sem escrupulos e sem ceremonias.

Claro é que os dois elementos essenciaes ao progresso brazileiro—braços e capitaes—não os proporcionarão os Estados Unidos ao Brazil: o primeiro porque não podem e o segundo porque não querem.

Esses elementos, que são imprescindiveis, só a Europa lh'os póde fornecer, como tem feito até hoje. Que vantagem, que interesse, que conveniencia ha, depois, levar o Brazil a enfeudar-se aos Estados Unidos, fazendo causa commum com elles? Se o Brazil tem condições para vir a ser um rival poderoso, e é porventura admissivel que acceite uma suserania humilhante—resultado fatal do seu afastamento da Europa e da sua ligação com os norte-americanos?

E, depois, a origem (que não se póde annular), a raça, os costumes, assim como os interesses e aspirações, tudo é differente tudo é antagonico entre os dous povos

*

* *

Illusão chamou o sr. Eduardo Prado ás tendencias americanistas, que se tem manifestado sob a republica.

A nós afigura-se-nos loucura.

*

* *

## TENDENCIAS AMERICANISTAS

N'este capitulo estou de accôrdo com o auctor menos quando escreve que os nativistas, isto é, os brazileiros natos, sempre viram com máus olhos o europeu.

Eis mais uma grosseira offensa ao caracter do povo brazileiro.

Em insultos é prodigo o folheto do sr. visconde, em insultos a um povo com quem s. ex.ª viveu longos annos da sua existencia, a um povo que, tenho a certeza, nunca o maltratou, mas no qual o sr. visconde

morde de longe, suffocando quaesquer sentimentos de gratidão, que lhe possam agitar o peito, com o odio que por elle sente desde 15 de novembro de 1889. É espantoso mas é a verdade!

As provas do que affirmo saltam evidentes, esmagadoras de todo esse opusculo que não podia deixar de ser amarrado ao pelloirinho da critica severa e da reprovação geral.

Não é com grosserias calumniosas que se combate por uma idéa e que se criticam e apreciam factos historicos de um paiz de quem s. ex.ª se diz amigo.

Hypocrita amisade!

Mas o sr. visconde encarrega-se de dizer-nos o motivo do seu insólito procedimento, escrevendo na pagina 30:

«Dados, pois, os sentimentos hostis da gente da republica, o portuguez verdadeiramente patriota, só deve e só póde, em face da situação actual do Brazil, *onde temos avultadissimos interesses moraes e materiaes*, desejar que volte a monarchia que, devemos crel-o, salvaguardará sempre esses interesses.»

Cá está a ferida. É a barriga, sempre a barriga, cujas exigencias impellem os homens a todos os crimes, incluindo a mais negra ingratidão e o mais torpe e vil insulto.

É por causa dos *interesses*, em consequencia do cambio a 9 °/₀ que se diz ao povo brazileiro: — tu és inimigo do europeu.

*

* *

Na ordem social e economica a perniosa doutrina de Mouröe é a completa negação do systema democratico. Social e economicamente fallando um paiz, por mais extraordinarios que sejam os seus proprios recursos, precisa de todos os outros prizes e todos precisam d'elle.

O retrahimento de uma collectividade é muito mais funesto do que o de qualquer individuo á garantia da liberdade e á civilisação universal.

A China é uma prova d'esta verdade.

Cada nacionalidade póde e deve politicamente governar-se como entender, mas nenhuma tem o direito de subtrahir-se á con-

vivencia social e economica dos demais povos. E esta doutrina democrati a impõem-se, com mais razão, aos paizes novos, de grande extensão territorial, com enormes riquezas naturaes, cujo aproveitamento depende necessariamente do concurso de braças e capitaes estrangeiros que, benevolamente acolhidos e largamente recompensados, não deixarão de acudir a cooperar no desenvolvimento, no progresso e na futura grandeza d'essas nações.

No sentido politico comprehende-se que, em um continente vastissimo, onde as instituições de todos os povos são homogeneas, haja uma especie de solidariedade moral na manutenção d'essas instituições, cujo desiquilibrio produziria inevitavelmente profundas alterações nas relações de amisade e de expansão economica, de pessimos resultados entre povos vizinhos.

Mas a solidariedade politica não implica a restricção de relações geraes, que é incompativel com a liberdade.

## PALAVRAS NECESSARIAS

A imprensa florianista de cá e de lá e, como ella, os asseclas do Balmaceda brazileiro, ao passo que cobrem de baldões o grande patriota Custodio Jose de Mello e todos os revolucionarios, acoimam descaradamente de inimigos e detractores do Brazil os jornaes e os individuos que teem a franqueza e a coragem de externar a aversão que sentem pela pessoa de Floriano e pela sua politica desorientada e violenta.

É um estratagema grosseiro, que tem por fim, confundindo o homem, que hoje dispõe do poder, com a collectividade nacional, impedir as manifestações hostis a esse homem funesto, que por todos os meios tem procurado cavar a ruina do Brazil e que conseguiu — triste gloria! — dar á grande nação

sul-americana os dias mais amargurados e mais luctuosos da sua historia.

Não ha espirito lucido que acceite semelhante confusão: detestar Floriano e amar o Brazil são sentimentos, que, longe de se contradizerem, se harmonisam maravilhosamente.

O que não se comprehende com facilidade é que haja quem se diga amigo dos brazileiros e do seu formoso e abençoado paiz e até quem deva ser infinitamente grato ao Brazil e tenha enthusiasmos por Floriano, braceje, grite e espume, raivoso, em sua defeza e faça votos ardentes pela sua victoria.

Isso é que custa a comprehender.

Quando se apreciam os actos do truculento dictador, quando se ataca a sua calamitosa administração, quando se apontam os seus erros, quando se demonstra a sua absoluta incapacidade para o cargo a que o elevaram, não se aggride nem se offende a nacionalidade brazileira, tão respeitavel e tão digna como a que mais o seja.

Faz-se critica, exercendo um direito, que ninguem póde contestar e ao qual ninguem se póde oppôr.

Se a attitude e as palavras do proprio Papa são largamente discutidas na imprensa de todo o mundo, porque guardar reserva a respeito de Floriano?

A pessoa de Floriano será porventura mais sagrada que a do chefe da Egreja Catholica?

Não estão sujeitos á critica dos jornaes e não são, de facto, continuamente criticados e, por vezes, tratados com a maior aspereza os soberanos mais poderosos e os estadistas mais eminentes?

Acaso Floriano é a encarnação da patria brazileira para que se considerem inimigos do Brazil os que não perfilham a causa d'esse sombrio tyrannete, os que desejam vel-o apeado e vencido?

Mas no repudio d'essa causa odiosa e na manifestação d'esse desejo justissimo está a melhor prova de amor sincero pelo Brazil.

Nós podiamos retaliar, chamando apaniguados de Floriano e pescadores de aguas turvas aos que nos chamam inimigos e detractores da nação brazileira; não o faremos porém.

O que queremos é destruir a confusão e deixar bem assente que a hostilidade á pessoa de Floriano Peixoto não é hostilidade ao Brazil e que a livre apreciação do que se passa n'este paiz, como a dos homens e das coisas dos outros paizes, constitue um direito irrecusavel e indiscutivel.

Estabelecido isto, accrescentaremos, da nossa parte, que, se lêssemos ou ouvissemos em Portugal um insulto á nação brazileira, se percebessemos que alguem tentava deprimir o caracter do sympathico e generoso povo, que falla, além dos mares a nossa lingua, seriamos dos primeiros a protestar indignados com a maxima vehemencia.

Para nós o Brazil é uma segunda patria.

Fevereiro — 1893.

*Visconde de S. Boaventura.*

*
* *

## PALAVRAS NECESSARIAS

As palavras necessarias servem, ao auctor de pannos quentes para tentar attenuar o mau effeito da sua perversa catilinaria.

Mas essa mascara hypocrita de inimigo de Floriano e amigo do Brazil já foi completamente arrancada quando frisei os pontos em que o escriptor leva a sua petulancia e audacia ao extremo de insultar o povo e a nação brazileira.

Comprehende-se que qualquer pessoa odeie um homem e ame a patria do odiado, mas o que não se admitte porque é indecente, condemnavel e criminoso é que, por causa d'esse homem e *da fórma do governo que elle representa*, se diga a um povo irmão e *ao qual se tem o dever de ser reconhecido*:

— Tu acceitaste, por medo, a instituição que te impozeram.

— Tu és inimigo do europeu.

O estratagema das palavras necessarias não péga porque o auctor não teve sequer a habilidade de encobrir a má vontade, o odio que sente por uma nação, por um povo que ha quatro annos conquistou a sua plena soberania e repelle energicamente as tentativas de vingança dos que lhe comprimiam a expansão e lhe sugavam a vitalidade.

Não terão razão os que me acoimem de exaggerado por expressar-me d'esta fórma, visto que, por demais está demonstrado. no decorrer d'esta refutação e d'este protesto que era indispensavel, impunha-se com toda a urgencia e energia da dignidade offendida, este brado de indignação e de repulsa soltado por um dos filhos d'essa generosa nacionalidade tão injusta e insolitamente vilipendiada, nos ultimos tempos, por aquelles que, ao menos, pelo simples dever de humanidade, tem stricta obrigação de guardar respeitoso silencio perante a angustiosa situação actual de um povo amigo de todos os povos do mundo, mesmo dos que o insultam no seu infortunio.

É nobre, é sagrado este dever, a attitude manifestada n'este livro provocado pelas

insolencias de um escriptor arvorado em defensor dos que desejam ardentemente, a bem dos seus interesses particulares, o retrocesso de um grande povo.

Ordem! gritam elles. Mas quem provoca a desordem quem tenta, a todo o transe, enfraquecer, desprestigiar uma instituição que não tem outro fim senão manter a ordem e promover o desenvolvimento, o engrandecimento da patria?

É o sr. Custodio José de Mello que quer ser presidente da Republica e que, vendo-se perdido, solicitou o auxilio do sr. Saldanha da Gama, que pretende restaurar a monorchia [1], é o sr. Silveira Martins que trabalha por conta e com o dinheiro dos monarchistas e que anceia por vencer para readquirir a influencia e preponderancia perdidas.

Esses é que são os perturbadores da ordem, os assassinos do povo inerme, os inimigos da Republica e da patria, e os que os

[1] Este, segundo as ultimas noticias (15 de março) já depoz as armas. Restam os srs. Mello e Silveira Martins. Chegar-lhes-ha a vez. Viva a Republica Brazileira!

apoiam e defendem, os que lhes chamam *grandes patriotas*, é que são os descarados que descaradamente acoimam de inimigos e detractores do Brazil os cidadãos e os jornaes que têm a coragem de patentear a aversão que sentem pelos jornaes e individuos de um paiz irmão e amigo, que não só tomam abertamente o partido dos piratas revoltados contra o governo legal do seu paiz, mas tambem injuriam vil e covardemente os filhos do Brazil.

Esses é que são os pescadores de aguas turvas, os inimigos e detractores da nação brazileira.

O Brazil não póde, não deve, nem quer ser uma segunda patria para os que de tal fórma, lhe manifestam o seu *grande amor* e a sua *dedicação filial*.

*

* *

Agora que o sr. visconde de S. Boaventura terminou a sua *admiravel* apreciação, eu tambem tenho que escrever algumas palavras necessarias.

Referindo-me ao sr. visconde, ao seu folheto e a membros da colonia portugueza, no Brazil, que pensam como s. ex.ª eu não tive sequer a intenção de abranger, na minha exposição, a immensa maioria dos portuguezes natos que têm ido cooperar na expansão commercial, agricola e industrial da minha patria.

O nativista do outro lado do Atlantico não é ingrato e eu devo tudo quanto sou e o que tenho a um portuguez, o auctor dos meus dias, que trabalhou trinta annos no Brazil, e que me deixou, como deposito sagrado a honradez do seu nome e a nobreza dos seus sentimentos.

## AO SR. VISCONDE DE S. BOAVENTURA

Devo uma explicação a s. ex.ª

Na introducção do meu trabalho escrevi que fazia ao sr. visconde a justiça de suppôr que as idéas desenvolvidas no seu opusculo são o resultado das suas convicções.

Se, depois de provar a s. ex.ª o erro em que labora e o mau caminho que segue, o sr. visconde entender que aquella phrase póde traduzir uma offensa, apresso-me a retiral-a e em offerecer a s. ex.ª o meu cartão de visita:

*José Augusto Corrêa*

Rua de S. Vicente, 24 — Braga

# CONCLUSÃO

A revolução que está prestes a terminar no Brazil é o ultimo estertor de uma geração que agonisa.

Respeitamos o seu tombar no sepulcro, mas saudemos com enthusiasmo, delirantes de immenso amor pela humanidade, o despontar, no horisonte brazileiro, da nova geração, pujante de vitalidade e de nobilissimos sentimentos, triumphante e generosa, que representa o sagrado penhor da paz, do progresso, da liberdade e da futura grandeza do Brazil.

A mocidade brazileira, conscia de que se tramava na sombra contra a estabilidade das instituições democraticas, sentiu-se ferida nas suas mais caras aspirações, comprehendeu o alcance do perigo que corria a

patria e a liberdade, possuida de immenso e santo amor, engrandecida pela sublimidade da idéa, enthusiasmada e invencivel pela qualidade do sacrificio, abandonou as academias, os lares e correu a cerrar fileiras em volta do pavilhão da Republica, resolvida a erguel-o bem alto, victorioso e resplandecente, a firmal-o para sempre no alicerce indestructivel dos corações brazileiros, ou a cahir gloriosamente, perdida a ultima gotta de sangue, envolta nas preciosas dobras d'essa bandeira eternamente seductora e bella, que fluctua no horisonte das nações, fecundando-as e insuflando-lhes a pujança, a vitalidade, como no firmamento gravitará para sempre o esplendoroso astro que á natureza communica o calor, a luz, o amor e a vida.

A victoria da nova geração é, porém, infallivel como é inevitavel o raiar da aurora, por que um povo nunca recua, como jámais retrocedem a humanidade e o formidavel raio uma vez dardejado na amplidão etherea.